PLACAR

Nº 1062 AGOSTO DE 1991 Cr$ 1.200,00

GOLEIROS

Os melhores de todos os tempos
Banks, Iashin, Zoff,
Gilmar dos Santos Neves...

E MAIS: os cem anos do pênalti, os uniformes mais bonitos e as dicas para você aprimorar a técnica

Taffarel

Leão

OS GRANDES DO BRASIL

Raul, Sérgio, Castilho, Taffarel, Leão, Ronaldo...

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretor-Presidente: Roberto Civita
Diretores: Angelo Rossi, Edgard de Silvio Faria, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

DIVISÃO REVISTAS
Diretor: Thomaz Souto Corrêa
Diretores de Área: Carlos Roberto Berlinck, Júlio Bartolo, Miguel Sanches, Oswaldo de Almeida, Ricardo Vieira de Moraes, Roberto Dimbério

Diretor-Gerente: Vanderlei Bueno

Diretor Editorial: Juca Kfouri
Diretor de Arte: Carlos Grassetti

REDAÇÃO
Redator-Chefe: Álvaro Almeida
Editor: Celso Unzelte
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Reporter: Paulo Coelho
Editor de Arte: Afonso Grandjean, Walter Mazzuchelli (colaboradores)
Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva e Mônica Ribeiro (colaboradores)
Assistente de Produção: Sebastião Silva e Wander Roberto de Oliveira

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni
Escritório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Furness (assistente)
Escritório Paris: Pedro de Souza (gerente), Álvaro Teixeira (assistente)
Buenos Aires: Odillo Licetti (correspondente)
Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo
Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli
Automação Editorial - Gerente: Cícero Brandão

PUBLICIDADE
Diretor: Meyer Alberto Cohen
Assessor: Moacyr Guimarães
Gerentes: Adilson Colucci, Dario Castilho, Pedro Bonaldi, Roberto Nascimento (SP); Aldano Alves (RJ)
Representantes: Adriana Sandoval, Aldo S. Falco, Antonio Carlos Perreto, João Marcos Ali, Liliane Schwab, Luciana Hollo, Luiz Alberto Diegues, Luiz Marcos Perazza, Luiza Pantalea, Marcia Regina da Silva, Olavo Ferreira, Paulo Wenzel Lagos, Renato Bertoni, Ronaldo Lipparelli, Selma Ferraz Souto, Sergio Rodrigues (SP); Andrea Vega, Maria Luciene Lima (RJ)
Serviço de Marketing Publicitário - Supervisora: Marta de Moraes

Diretores Regionais: Angelo A. Costi (Região Centro); Elcenho Engel (Região Sul); Geraldo Nilson de Azevedo (Região Nordeste)
Escritórios Regionais: Verene Lopes Cançado (Belo Horizonte); Rogerio Ponce de Leon (Brasília); Abel Augusto (Campinas); Lilica Mazer (Curitiba); A. Simone R. Souto (Fortaleza); Rosangela Isoppo da Cunha (Porto Alegre); Silvio Provazzi (Recife); Alfredo Guimarães Motta Netto (Salvador); Mauro Marchi (Santa Catarina)
Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermídia (Ribeirão Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Vallemídia - Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO); Vitória Mídia (ES)

PLANEJAMENTO E MARKETING
Gerente de Planejamento e Controle: Carlos Herculano Ávila
Gerente de Produto: Reynaldo Mina

ASSINATURAS
Diretor de Operações: Ignácio Santin
Diretor de Serviços ao Assinante: Eduardo Marafanti

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Responsável: Osvaldo Franco Domingues Jr.

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000 Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP — Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** (011) 823-9222

ANER

IMPR. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

PLACAR

QUANDO SÓ RESTA O GOLEIRO

Você acompanha o lançamento longo, o zagueiro do seu time dá toda a pinta de que vai cortar. De repente, tropeça e a bola sobra limpa para o adversário. Metade da sua torcida já franziu a testa, fez careta, olhou de lado. O atacante chuta forte e num lance de reflexo e agilidade aquele maluco com a camisa 1 faz um milagre. Finalmente você lembra que tem goleiro, levanta, grita o nome dele, se enche de moral. Defesas milagrosas podem virar partidas, decidir campeonatos. Todo goleiro persegue este dia em que parece sobre-humano, inexpugnável, superior aos pobres mortais que se esmeram em pontaria, efeitos e força para tentar inutilmente vencê-lo. Nesses momentos, aquele imenso gol de 7,32 m x 2,44 m parece pequeno. Eu estava na arquibancada numa destas tardes gloriosas em que o grande Manga levou o Internacional ao seu primeiro título brasileiro, em 1975. Verdade seja dita, o time do Cruzeiro estava melhor, só que era o dia do goleiro colorado. Nelinho fez a bola dançar no ar e o Manguinha, meio desequilibrado, aparou-a com uma única mão. Ali o jogo podia acabar. Descobri que o bom não é lembrar dos goleiros por suas falhas, mas por suas proezas.

ÁLVARO ALMEIDA

O italiano Zenga está entre os melhores do planeta

Rodolfo Rodríguez é um dos goleiros importados

O colombiano Higuita sabe se promover

SUMÁRIO

GRANDES GOLEIROS DO MUNDO

OS DEFENSORES DO UNIVERSO

O melhor momento do espetáculo nem sempre é o gol. Defesas difíceis, daquelas que causam ódio e admiração, também têm seu valor. É por isso que eles existem — para provar que nem só de bola na rede vive o futebol

Parecem ter algo de sobre-humano, qualidades que os outros goleiros não possuem. E muito de comum entre si — são ágeis, seguros, elásticos, precisos. A nossos olhos, quase super-heróis, capazes de realizar sonhadas e impossíveis defesas no duelo entre homem e bola. Para eles, os melhores do mundo, o momento de conclusão da jogada equivale a uma eternidade da qual é missão ir sempre além; para nós, o desafio dura os segundos de um chute.

O que é preciso para fazer parte dessa restrita galeria de ídolos que, contrariando o objetivo do jogo, dão espetáculo ao evitar gols? Não basta ter estado em Copas do Mundo, embora todos os dez eleitos o tenham feito. É preciso mais. Ser um predestinado, por exemplo.

ALL SPORT

GOYCOCHEA
Nome: Sergio Javier Goycochea
Nascimento: 17/10/1963
Local: Lima (Argentina)
Altura: 1,86 m
Clubes: Defensor Zarate, River Plate, Millonarios (Colômbia) e Racing; Seleção Argentina na Copa de 1990

Goycochea em ação no Mundial da Itália: reflexo nas cobranças de pênaltis

Como Sergio Goycochea. Quem seria capaz de apostar, há pouco mais de um ano, no futuro dele, que passou de segundo reserva da Seleção Argentina a vice-campeão do mundo? Mas um grande goleiro, sabe-se, precisa também da sorte a seu lado. E ela começou a favorecê-lo quando os dois preferidos do técnico Bilardo se desentenderam. Resultado: o reserva imediato, Islas, acabou cortado da delegação que foi à Copa na Itália, e Goycochea subiu um posto na hierarquia do gol argentino. Depois foi a vez de o titular, Pumpido, fraturar tíbia e perônio logo no segundo jogo, contra a União Soviética.

SUAS MÃOS SEGURAS SALVAM A PÁTRIA

Da partida com a Romênia à final contra a Alemanha, Goycochea fechou o gol. Duas vezes o destino da Argentina esteve em suas mãos — nas quartas-de-final, depois do 0 x 0 com a Iugoslávia, e nas semifinais, após o 1 x 1 com a Itália. E em três oportunidades a figura ágil de Sergio Goycochea salvou a pátria, defendendo pênaltis de Stojikovic, Donadoni e Serena. Ironia: também um pênalti, convertido pelo alemão Brehme, roubou-lhe a glória do título mundial. Dos erros e acertos com a bola parada, o homem que emergiu da Copa como grande goleiro tirou uma certeza: "Pegar pênaltis é também uma questão de vocação".

ABRIL

Só mesmo a vocação para jogar entre as traves pode explicar fenômenos como Lev Iashin. Frio, acrobático, místico e, acima de tudo, considerado o melhor goleiro de todos os tempos. Adjetivos não faltaram a este soviético que jogava todo de preto e, por isso, acabou acrescentando mais um à galeria: Aranha Negra.

Era capaz de evitar gols com sua simples presença, suficiente para assustar os adversários. Como fez em um jogo pelo Campeonato Europeu, contra a Hungria, em 1959, um ano depois de ter assombrado o mundo com suas defesas na Copa da Suécia. Estádio Popular de Budapeste lotado. O húngaro Tiji, experimentado goleador, aparece livre à sua frente. Era um contra-ataque rápido, que pegou o Aranha Negra adiantado, fora até de sua gran-

A SOMBRA DE IASHIN ASSUSTAVA OS ATACANTES

A sorte ajudou Goycochea, e ele não desperdiçou a chance: pegou três pênaltis na Copa, levando a Argentina à final contra a forte Alemanha

PEDRO MARTINELLI

Com elasticidade, sangue-frio e carisma, Lev Iashin construiu em torno de si a lenda do maior goleiro de todos os tempos

IASHIN
Nome: Lev Ivanovic Iashin
Nascimento: 22/10/1929
Local: Moscou (URSS)
Altura: 1,90 m
Clubes: Dinamo de Moscou; Seleção Soviética nas Copas de 1958, 1962 e 1966

LEMYR MARTINS

DASAEV
Nome: Rinat Dasaev
Nascimento: 13/07/1957
Local: Astrakan (URSS)
Altura: 1,88 m
Clubes: Wolgar Astrakan, Spartak Moscou e Sevilla (Espanha); Seleção Soviética nas Copas de 1982, 1986 e 1990

GAMMA

Depois que Dasaev apareceu, na Copa da Espanha, os problemas do gol soviético terminaram: as viúvas de Iashin enfim encontraram seu sucessor

de área. Mas o fenomenal goleiro não se abalou: conta-se que o atacante, intimidado pela aproximação de sua sombra, acabou chutando fraco, facilitando a defesa de Iashin.

Não só os números de seu 1,90 m impressionavam. Nos 21 anos em que defendeu o Dínamo de Moscou, de 1949 a 1970, sofreu apenas 326 gols, uma média incrivelmente baixa, menos de dezesseis por ano. Eficiência quase sobrenatural, que só poderia deixar saudade. E, em conseqüência, alimentar a procura obcecada de um sucessor para o arco soviético.

DASAEV FOI TAMBÉM UM VENCEDOR

A busca só parou em Rinat Dasaev, como nele parariam também os chutes a gol dos grandes atacantes nos anos 80. Ele só apareceu para o mundo, e em especial para os brasileiros, no seu jogo de estréia nas Copas, em 1982. Fez milagres contra Zico, Sócrates, Éder & Cia., mas não conseguiu evitar a derrota dos soviéticos, de virada, por 2 x 1. Bem antes disso, já era reconhecido por toda a Europa como o legítimo herdeiro de Iashin.

ABRIL

Campeão nacional pelo Spartak Moscou, ainda teria muito que contribuir para sua Seleção. Titular também no México, em 1986, igualou-se a Iashin no número de participações em Copas, mesmo tendo atuado apenas uma vez na Itália, contra a Romênia, na derrota por 2 x 0. Sofreu onze gols nas nove partidas que disputou em seus três mundiais.

Reflexos apurados, excelente nas saídas do gol e excepcionalmente seguro nas bolas altas, é unanimidade na condição de melhor goleiro europeu da década de 80. Uma exceção, rara a ponto de dobrar as rígidas leis esportivas do período pré-Gorbachev, que proibiam os craques soviéticos de atuar no exterior. Dasaev foi também nisso o número um, transferindo-se para o Sevilla da Espanha, em 1987. Não sem antes despedir-se do Spartak e do futebol soviético com mais um título

ZAMORA
Nome: Ricardo Martinez Zamora
Nascimento: 21/01/1901
Local: Barcelona (Espanha)
Altura: 1,77 m
Clubes: Español, Barcelona, Real Madrid e Nice (França); Seleção Espanhola na Copa de 1934

Atrapalhando a vida de atacantes do nível de Leônidas da Silva, o espanhol Zamora reinou absoluto nos anos 30

nacional. Só para mostrar que, como o velho Iashin, era também um vencedor.

Se Dasaev é o único que pode ser comparado ao Aranha Negra dentro da União Soviética, é de Ricardo Zamora este privilégio em termos mundiais. Os apaixonados espanhóis, no entanto, não admitem discussão: nunca houve ninguém como *El Mago*, ou *El Divino*. Assim o chamavam os torcedores de Español, Barcelona, Real Madrid e Nice, clubes em que jogou de 1920 a 1936. Pela Seleção da Espanha participaria de apenas uma Copa do Mundo, a de 1934. O suficiente para tornar-se lenda.

NUNCA HOUVE NINGUÉM COMO ZAMORA

Em plena Itália fascista, aquele goleiro catalão de boné de flanela ousava antepor-se ao desejo do ditador Mussolini, numa prévia do que aconteceria na Olimpíada de Berlim, em 1936, quando os atletas negros norte-americanos desafiaram Hitler com suas vitórias. Zamora já tinha sido o responsável direto pela chegada da Espanha às semifinais. Contra o Brasil, na vitória por 3 x 1, entre outros feitos extraordinários, havia defendido um pênalti cobrado por Waldemar de Brito. Agora era a vez da *Azzurra*.

No dia 31 de maio de 1934, Florença assistiu a uma das maiores exibições de um goleiro em toda a história do futebol. Depois do 1 x 1 no tempo normal, Zamora seguiu salvando a Espanha e garantindo o 0 x 0 na prorrogação. Até a cobrança de um escanteio, quando o atacante Schiavo acertou-lhe uma cotovelada. Mesmo machucado, o valente goleiro permaneceu em campo, garantindo a seu país o direito de uma partida-desempate no dia seguinte. Desta vez, porém, não participaria, vencido afinal pela violência dos italianos.

Entre 1966 e 1974, o gol uruguaio esteve muito bem guardado: lá estava Ladislao Mazurkiewicz, o goleiro que levou a melhor até num lance contra Pelé

MAZURKIEWICZ
Nome: Ladislao Mazurkiewicz Iglesias
Nascimento: 14/02/1945
Local: Piriápolis (Uruguai)
Altura: 1,78 m
Clubes: Peñarol, Atlético-MG, Granada (Espanha) e novamente Peñarol; Seleção Uruguaia nas Copas de 1966, 1970 e 1974

GILMAR
Nome: Gilmar dos Santos Neves
Nascimento: 22/08/1930
Local: Santos (SP)
Altura: 1,81 m
Clubes: Jabaquara, Corinthians e Santos, Seleção Brasileira nas Copas de 1958, 1962 e 1966

FOTOS ABRIL

No Corinthians, no Santos ou na Seleção, Gilmar foi a síntese do arrojo e segurança. Com ele no gol, o Brasil ganhou duas Copas. E seus colegas brasileiros voltaram a ser vistos com mais respeito

Deixou um legado de 47 jogos pela Seleção, 21 deles sem tomar gols.

A determinação exigida de um veterano muitas vezes é cobrada também de jovens promessas, numa espécie de hora da verdade antes mesmo de se entrar em campo. Ladislao Mazurkiewicz, então goleiro dos juvenis do Peñarol, em 1965, não teve opção. Estreou com a camisa 1 titular da forma mais dolorosa que um calouro do futebol poderia enfrentar naqueles idos: contra o Santos de Pelé, nas semifinais da Taça Libertadores da América. Para surpresa geral, o Peñarol venceu. Mas um triunfo maior que os 2 x 1 daquela noite foi revelar Mazurkiewicz. Nos próximos cinco anos, ele ganharia todos os títulos possíveis pelo clube (o campeonato uruguaio, a Taça Libertadores e o mundial), além de permanecer 983 minutos sem sofrer gol, em 1968.

UMA LEGENDA COM A CAMISA DO URUGUAI

Legenda com a camisa da Seleção Uruguaia, tradicional escola de goleiros onde já haviam despontado os campeões do mundo Ballesteros e Máspoli, participou das Copas de 1966, 1970 e 1974. É da Copa do México, em 1970, que ficou para a história um lance envolvendo Mazurkiewicz e Pelé, um desses raros momentos do jogo que não resultaram em gol mas permanecem vivos no imaginário do torcedor. O Rei deixa o goleiro atônito com um drible de corpo, recupera a bola do outro lado mas ela, caprichosa, passa rente à trave. Foi atrás de um pouco dessa sorte, mas principalmente de sua elasticidade e segurança, que o Atlético Mineiro foi buscar Mazurkiewicz no Uruguai, em 1972.

COM GILMAR, O PAÍS DESCOBRE SEUS GOLEIROS

Importar goleiros, então, já não era prática tão freqüente quanto nos anos 50, época de descrédito para os brasileiros da posição. O responsável pela reconquista da confiança de torcedores e dirigentes tem um nome: Gilmar dos Santos Neves, que inseriu o Brasil na lista dos maiores guardiões do mundo.

Depois de sua vinda do Jabaquara para o Corinthians, em 1951, nunca mais se falou com a mesma insistência que os brasileiros não sabiam sair do gol, tremiam na hora das decisões ou não tinham biótipo para atuar no arco. Suas fantásticas exibições desmentiam tudo isso: cortando cruzamentos precisos, ganhando mais de vinte títulos em dezoito anos de carreira, fechando o gol com seu 1,81 m (que lhe

BANKS
Nome: Gordon Banks
Nascimento: 30/12/1937
Local: Sheffield (Inglaterra)
Altura: 1,83 m
Clubes: Millspaugh Steel Works, Romarsh Welfare, Chesterfield, Leicester City, Stoke City e Fort Lauderdale (EUA); Seleção Inglesa nas Copas de 1962, 1966 e 1970

LEMYR MARTINS

Gordon Banks faz o impossível na cabeçada de Pelé: lance raro para uma carreira de muitas mas discretas defesas

valeu o apelido de Girafa), Gilmar consagrou-se e deu novo alento à posição. Mais que isso: soube transformar uma estréia desastrosa com a camisa corintiana, em que levou sete gols da Portuguesa, numa trajetória vitoriosa.

NA COPA DE 1966, NINGUÉM VENCIA O INGLÊS BANKS

Campeão paulista em 1951, 1952 e 1954 e do Torneio Rio-São Paulo de 1950, 1953 e 1954, sempre pelo Corinthians, só fez aumentar o rosário de conquistas com sua ida para o Santos, em 1961. E vieram mais seis títulos paulistas, cinco Taças Brasil, duas Taças Libertadores e o bicampeonato mundial interclubes.

O nome de Gilmar estará eternamente ligado à conquista do bicampeonato mundial pela Seleção Brasileira, em 1958 e 1962. Em 1966, quando já se despedia das Copas, surgiu na forma de novo campeão do mundo o seu substituto como principal jogador em atividade na posição, o inglês Gordon Banks.

A maior de suas defesas, contrariando uma britânica tradição de discrição ao longo de toda a carreira, veio só aos 32 anos, quando já era um vencedor. Foi fantástica. Banks assistiu, nos primeiros minutos do jogo Brasil x Inglaterra, pela Copa de 1970, a um cruzamento milimétrico de Jairzinho, que encontraria Pelé, livre, à frente do gol. A cabeçada, com força, perfeita, vai em direção ao canto direito, onde qualquer esboço de defesa seria, àquela altura, inimaginável. Não para Gordon Banks, que defendia o gol inglês. O impossível aconteceu: ele atravessa toda a extensão do gol, vencendo o tempo e as leis da física para alcançar a bola. E com um leve toque, de baixo para cima, consegue jogá-la por sobre o travessão.

Era um dos últimos lances que protagonizaria com a camisa do *English Team*. Em 1966, na Copa ganha em casa por seu país, passou 441 minutos sem sofrer gol. Uruguai, México, França e Argentina foram incapazes de vencê-lo. Só o português Eusébio, a 9 minutos do final da penúltima partida dos ingleses na Copa, e mesmo assim de pênalti,

MAIER
Nome: Josef "Sepp" Maier
Nascimento: 28/02/1944
Local: Metten (Alemanha)
Altura: 1,83 m
Clubes: TSV Haar e Bayern de Munique; Seleção Alemã nas Copas de 1966, 1970, 1974 e 1978

SVEN SIMON

Maier, o Palhaço, era um gozador. Mas, na hora em que a bola vinha, as brincadeiras davam lugar às exibições do maior goleiro da Alemanha

conseguiu marcar-lhe um gol. Depois de 73 jogos e o título extracampo de Cavaleiro da Ordem do Império Britânico, teve que abandonar a Seleção por causa de um acidente automobilístico em 1972.

MAIER CALOU OS CRUZEIRENSES EM 1976

O trono de melhor goleiro do mundo, de qualquer forma, não permaneceu vazio por muito tempo. Apareceu para ocupá-lo outro campeão, um alemão chamado Josef ''Sepp'' Maier. Avesso aos padrões germânicos de comportamento — era sorridente, extrovertido e brincalhão, a ponto de ser apelidado de Palhaço pela imprensa —, teve de lutar muito até ser aceito como titular da Seleção e melhor goleiro da história do futebol alemão. Não foi um começo fácil: sua estréia, em 1966, cercou-se de muitas críticas. Os alemães pareciam não acreditar que, por trás daquele excêntrico goleiro de cabelos loiros, existia um homem capaz de levá-los ao título mundial. Titular em 1970, precisou esperar mais quatro anos para provar que eles estavam errados.

Foi jogando em seu país, na Copa de 1974, que Maier afinal revelou-se, com suas defesas sóbrias, capazes de simplificar a trajetória de muitos chutes traiçoeiros. Seguindo essa receita, aliada à segurança que transmitiu à defesa nos momentos mais difíceis, como a semifinal contra a Polônia e a final com a Holanda, chegou ao título mundial.

Mas Maier ainda não estava realizado: queria a marca dos 100 jogos com a camisa da Seleção. Infelizmente, aos 36 anos, sofreu um acidente de automóvel que interrompeu sua carreira. Já havia chegado aos 95 jogos pela Alemanha, entre 1966 e 1979, e aos 439 pelo Bayern de Munique. Entre seus muitos títulos, foi campeão mundial interclubes também em 1976, em pleno Mineirão, garantindo o 0 x 0 na decisão contra o Cruzeiro de Piazza e Dirceu Lopes,

RODOLPHO MACHADO

Entre Sócrates e o companheiro Bruno Conti, o veterano Zoff garante os 3 x 2 da Itália sobre o Brasil. Depois, a festa: como capitão, recebe a taça de campeão do mundo, aos 40 anos de idade

ZOFF
Nome: Dino Zoff
Nascimento: 28/02/1942
Local: Mariano del Friuli (Itália)
Altura: 1,83 m
Clubes: Udinese, Mantova, Napoli e Juventus; Seleção Italiana nas Copas de 1970, 1974, 1978 e 1982

PEDRO MARTINELLI

calando mais de 100 000 torcedores brasileiros.

Tão cedo não sairá também de nossas retinas a imagem esguia do italiano Dino Zoff, matando com uma firme defesa o lance da derradeira cabeçada de Oscar — e, com ela, a esperança do tetracampeonato mundial na Espanha.

DINO ZOFF COMANDA A VOLTA OLÍMPICA

Por mais que se conteste até hoje a justiça dos 3 x 2 para a Itália, naquela tarde de Paolo Rossi no Estádio Sarriá, é certo que ninguém mereceu mais o título que aquele goleiro de 40 anos. Um obstinado, que foi para seu povo justamente o contrário do que representava o alemão Maier. Filho de um país de falastrões, Dino Zoff era discreto, com palavras e gestos sempre comedidos, mesmo na hora de orientar sua linha de zagueiros. Mas, antes de tudo, foi também a personificação da força de vontade que levou a Itália a seu terceiro título mundial.

GAMMA

Recordista em número de jogos no gol da Seleção (foram 112, de 1968 a 1983), ganhou seis *scudettos*, todos pela Juventus de Turim, entre 1972 e 1983. Aceitou com dignidade a reserva de Albertosi, na Copa de 1970, para quatro anos depois chegar à Alemanha como titular. Invicto há 1 042 minutos, levou um gol contra o Haiti, logo no jogo de estréia de uma Copa que a Itália abandonaria ainda na Primeira Fase. Em 1978, na Argentina, a decepção se repetiria, apenas atenuada por um honroso quarto lugar. E quando poucos acreditavam que Zoff chegasse a seu quarto mundial, lá estava ele novamente. Desta vez, com a tarja de capitão, liderava a volta olímpica dos campeões de 1982.

Durante os meses que antecederam a Copa de

ZENGA
Nome: Walter Zenga
Nascimento: 28/04/1960
Local: Milão (Itália)
Altura: 1,88 m
Clubes: Internazionale, Salernitana, Savona, San Benedettese e novamente Internazionale; Seleção Italiana nas Copas de 1986 e 1990

ALL SPORT

O italiano Walter Zenga tem motivos para comemorar: aos 31 anos, ainda é considerado um dos melhores goleiros, mesmo após a derrota na última Copa

1990, na Itália, os fanáticos *tiffosi* não sonhavam com outra coisa que não fosse a repetição desta cena, agora em sua casa. Para isso, depositavam todas as esperanças em Walter Zenga, que vestia a camisa 1 de Zoff. Nada mais compreensíve . Preciso nas bolas altas e ao armar os contra-ataques, Zenga, que já estivera na Copa do México como terceiro goleiro, chegava ao Mundial em seu país como o mais indicado substituto do grande capitão. Mesmo durante o torneio, confirmava as expectativas: ficou invicto 518 minutos, batendo o recorde de Gordon Banks em Copas e se aproximando da marca dos 1 042, estabelecida por Zoff. Até que veio o jogo contra a Argentina.

MESMO PERDENDO A COPA, ZENGA NÃO SE ABALOU

Bola na área, a cabeçada rápida de Caniggia empata o jogo. Os olhares do Estádio San Paolo de Nápoles voltam-se para Zenga, numa acusação muda pela tardia saída do gol. O pior, no entanto, ainda estava por vir. Na cobrança dos pênaltis, enquanto assistia à consagração do colega argentino Goycochea, nada pôde fazer para evitar a eliminação da Itália. Na verdade, entre suas inúmeras façanhas em doze anos de carreira, nunca até então tivera a felicidade de defender um pênalti.

ABRIL

Nem a perda da Copa, porém, abalaria o prestígio de Zenga. No final de 1990, ele seria eleito o melhor goleiro do mundo na temporada, com a média de 0,28 gol sofrido. E completaria a volta por cima em maio de 1991, sendo campeão da Copa da UEFA pela Internazionale. Uma rotina na carreira destes homens acostumados a responder cada cobrança com defesas ainda mais fantásticas. Sempre se superando, seus nomes juntos tornam o mundo tão pequeno quanto os 7,32 m que vão de uma trave à outra. ■

O BRASIL TAMBÉM TEM GOLEIROS

TALENTO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA

Criticados dentro de suas fronteiras, elogiados fora delas, os brasileiros mostram embaixo do gol que têm uma das melhores escolas do mundo

Eles não sabem sair do gol, se colocam mal e não têm o mesmo sangue-frio dos europeus, segundo os críticos. Quando estão com o escudo da Seleção no peito, porém, viram verdadeiros santos e se dão o luxo de fazer alguns milagres. Por isso, chamam a atenção dos torcedores do mundo inteiro, já integraram Seleções da FIFA e invadiram o até então inatingível mercado italiano.

Uruguaios, argentinos e europeus que nos perdoem, mas o Brasil tem grandes goleiros. Afinal, se eles marcaram época por algumas das mais impressionantes defesas já vistas, os brasileiros enfrentaram os maiores atacantes da história e não facilitaram a vida de craques como Pelé, Garrincha e Zico ou de artilheiros como Vavá, Ademir de Menezes e Roberto Dinamite. Por isso, acima de qualquer crítica, o mundo do futebol tem uma convicção: os goleiros brasileiros também estão entre os melhores do mundo.

ELENA MOTETTI

PEDRO MARTINELLI

AS MÃOS POR ONDE PASSA A SEGURANÇA

O rosto de garotão inexperiente poderia, no princípio, encher os atacantes de esperança de encontrar facilidades na tarefa de marcar. Quando a bola começa a rolar, no entanto, a surpresa é total. Segurança nas bolas baixas, tranqüilidade nas saídas do gol e uma incrível colocação que o torna presença certa no lugar exato em que a bola passa.

Pobres foram os alemães, os primeiros a sentir a perfeição de **Taffarel,** nas semifinais da Olimpíada de Seul, quando mostrou uma frieza capaz de impressionar os italianos e levá-lo ao Parma. Hoje, com ele, a Seleção pode ter ao menos uma esperança. Se o tetra não vier em 1994, o melhor goleiro do mundo será brasileiro.

Nome: Cláudio André Mergen Taffarel
Nascimento: 08/05/1966
Local: Santa Rosa (RS)
Altura: 1,81 m
Clubes: Internacional e Parma; 55 jogos pela Seleção

...para alegria de Júlio César e Alemão

FOTOS SÉRGIO SADE

Zico corre, confiante, e chuta no canto esquerdo: nada poderia dar errado para o Galinho...

...até a defesa do goleiro francês, inaugurando o drama brasileiro

SIPA-PRESS

UMA TARDE DE POUCA SORTE E PONTARIA

Depois do jogo entre Brasil e França pelas quartas-de-final da Copa do Mundo no México, em 1986, o torcedor ficou com a impressão de que, quando há pênaltis nos jogos da Seleção, coisas estranhas acontecem. E não foi para menos. O empate em 1 x 1, com gols de Careca e Platini, persistia até os 28 minutos do segundo tempo, quando o lateral Branco, graças a um lançamento preciso de Zico, apareceu na cara de Bats, o goleiro francês. Derrubado o brasileiro, marcou-se o primeiro pênalti, logo desperdiçado pelo mesmo Zico. E não parou por aí: o empate persistiu e lá foram nossos craques para a cobrança alternada dos cinco penais. Desta vez Zico marcou, mas Sócrates e Júlio César desperdiçaram suas cobranças, com nova defesa de Bats e uma bola na trave. Pior: apesar de Platini, a maior estrela francesa, também ter chutado fora, o pênalti de Bellone bateu em Carlos, mas entrou

...para desespero de Zico & Cia., numa tarde em que até Platini chutou fora

SÉRGIO SADE

PEDRO MARTINELLI

NELIO RODRIGUES

— craques como Gilmar e Cejas. Afinal, se a história dos clubes ainda lhes reserva um bom espaço, o coração dos torcedores tem um novo dono: Sérgio.

Nome: Ivanilton Sérgio Guedes
Nascimento: 07/11/1962
Local: Rio Claro (SP)
Altura: 1,86 m
Clubes: Ponte Preta e Santos; cinco jogos pela Seleção

FOTOS LEMYR MARTINS

UM GOLEIRO PARA A HORA DA DECISÃO

Em certos momentos, um gato cuja elasticidade o colocava ao lado dos maiores do mundo. Em outros, uma insegurança capaz de deixar nas mãos os corações brasileiros. Mesmo assim, foi a presença de **Félix** que garantiu alguns resultados importantes na Copa do Mundo de 1970 e ampliou para todo o país a certeza que torcedores de Portuguesa e Fluminense já alimentavam: nos instantes decisivos, eles tinham um grande goleiro.

Nome: Félix Mielli Venerando; **Nascimento:** 24/12/1939
Local: São Paulo (SP); **Altura:** 1,80 m
Clubes: Portuguesa e Fluminense; 39 jogos na Seleção

RODOLPHO MACHADO

O MELHOR DO BRASIL PARA O MAIOR DO MUNDO

Qual o maior privilégio para um goleiro do que ser considerado o melhor de seu país pelo maior do mundo? Por isso, mesmo sem ter disputado uma Copa do Mundo nem ter sido uma unanimidade com a camisa da Seleção, **Raul Guilherme Plassmann** pode morrer satisfeito. Afinal, ninguém menos do que o alemão "Sepp" Maier citou seu nome como o melhor goleiro brasileiro que viu em ação.

Não foi só o alemão, porém, que o elegeu o primeiro. A torcida do Cruzeiro também o escolheu o melhor da história do clube. Por isso, e pelos títulos que colecionou, Raul tem toda a razão ao afirmar: "Nasci para ser campeão".

Nome: Raul Guilherme Plassmann
Nascimento: 27/09/1944; **Local:** Curitiba (PR)
Altura: 1,87 m; **Clubes:** Coritiba, Atlético-PR, São Paulo, Nacional (Uruguai), Cruzeiro e Flamengo; onze jogos pela Seleção

UM GOLEIRO COM CARISMA DE CAMPEÃO

Se na maioria dos títulos brasileiros o goleiro foi colocado em segundo plano devido à qualidade dos atacantes, pelo menos em uma conquista os papéis se inverteram. Afinal, como um time cheio de jogadores medianos poderia chegar à medalha de prata na Olimpíada de Los Angeles, sem que o goleiro **Gilmar** salvasse a equipe na disputa por pênaltis contra o Canadá nas quartas-de-final?

Longe da Seleção, felizes foram os torcedores de Internacional, São Paulo e, hoje, Flamengo, que sempre tiveram a certeza de um título por ano — essa é a média de Gilmar. Azar da Seleção, que lhe deu poucas chances. Caso contrário, hoje o Brasil poderia ter outros títulos graças ao carisma de seu goleiro.

Nome: Gilmar Luís Rinaldi
Nascimento: 13/01/1959
Local: Erexim (RS); **Altura:** 1,84 m
Clubes: Internacional, São Paulo e Flamengo; nove jogos pela Seleção

NELSON COELHO

RONALDO KOTSCHO

O HOMEM QUE CALOU UM PAÍS

Nada podia dar errado. Na marca do pênalti estava Paul Breitner, que jamais desperdiçara uma cobrança em sua carreira. Por isso, os alemães já comemoravam o inevitável gol de empate em 2 x 2 contra o Brasil em 1981. Cerca de cinco minutos depois, todo o Neckarstadium, em Stuttgart, estava em silêncio. Na meta brasileira não havia um homem normal, mas **Waldir Peres,** uma parede capaz de defender duas cobranças de Breitner — a primeira foi anulada.

As duas defesas, porém, foram encaradas com naturalidade por esse goleiro que se acostumou a dar títulos ao São Paulo impedindo gols de pênalti — foi assim no Paulista de 1975 e no Brasileiro de 1977. Mas os alemães têm até hoje uma certeza: não morrerão sem ter visto um dos maiores goleiros que o Brasil já teve.

Nome: Waldir Peres Arruda; **Nascimento:** 02/01/1951
Local: Garça (SP); **Altura:** 1,80 m
Clubes: Garça, Ponte Preta, São Paulo, América-RJ, Guarani, Corinthians, Portuguesa e novamente Ponte Preta; 28 jogos pela Seleção

ALBERTO FERREIRA

AG. O GLOBO

A SORTE VEM DO TRABALHO

Foram dezenove anos de agonia para botafoguenses, flamenguistas e vascaínos. Os tricolores, porém, se deliciavam com bolas batendo na trave ou desviando em um zagueiro para morrer nos braços de **Castilho.** Mas mesmo que tenha ficado marcado como um sortudo, essa é só uma parte da história desse goleiro que estudava os cobradores de pênaltis e conseguiu defender seis em apenas um ano. Por isso, pode-se ter certeza de que seu sucesso tinha outro nome: trabalho.

Nome: Carlos José Castilho; **Nascimento:** 27/11/1927
Local: Rio de Janeiro (RJ); **Altura:** 1,81 m
Clube: Fluminense; 25 jogos pela Seleção

ABRIL

UM TERROR PARA OS ARGENTINOS

Se os uruguaios têm uma certa simpatia pelo goleiro brasileiro **Barbosa,** pela falha que lhes deu o bicampeonato mundial em 1950, os argentinos não o esquecem por outro motivo. Na final da Taça dos Campeões de 1948 contra o River Plate, Barbosa defendeu um pênalti de Labruna e garantiu o título ao Vasco. Essa, porém, foi só uma das alegrias dadas aos vascaínos, que retribuíram elegendo-o o melhor goleiro da história do clube.

Nome: Moacir Barbosa; **Nascimento:** 27/03/1921
Local: Campinas (SP); **Altura:** 1,70 m
Clubes: Ypiranga-SP, Vasco e Campo Grande; 20 jogos pela Seleção

RICARDO CORRÊA

A DELICIOSA VOLTA POR CIMA

Poucas vezes uma fratura trouxe resultados tão positivos para um jogador de futebol quanto para o são-paulino **Zetti.** Apesar de ter ficado um bom tempo inativo após o choque com Bebeto em 1988 *(ver matéria na página 31)*, foi a contusão que provocou sua transferência para o estruturado São Paulo. Em conseqüência, veio o título brasileiro de 1991. Hoje, sem problemas físicos e podendo se orgulhar de um campeonato, só lhe falta uma realização: a Seleção Brasileira.

Nome: Armelino Donizetti Quagliato; **Nascimento:** 10/01/1965
Local: Porto Feliz (SP); **Altura:** 1,87 m
Clubes: Palmeiras e São Paulo; nenhum jogo pela Seleção

MARCADO PARA SER O NÚMERO UM

Os gremistas pareciam contentes com a perspectiva de se sagrarem vice-campeões brasileiros pela primeira vez na história e mostravam uma acomodação preocupante para a final contra o São Paulo. Como se remexesse o fundo da alma tricolor, porém, uma voz se levantou para acabar com o conformismo: "Não estou aqui para ser vice-campeão". Quem conhecia o comportamento daquele goleiro tido como temperamental por exercer uma extraordinária liderança sobre suas equipes não se surpreen-

ABRIL

deu. Afinal, aquela voz pertencia a um homem acostumado a ser o primeiro: **Émerson Leão.**

Desde que iniciou sua carreira, a vontade de ser o número 1 comandou a vida desse goleiro de gestos fortes, estilo marcante e declarações polêmicas. Por isso, com pouco mais de dois anos de profissão ele não apenas estava na Seleção Brasileira como era campeão do mundo em 1970. A acomodação, no entanto, não fazia parte de seu vocabulário e em pouco tempo ele se tornaria também campeão paulista, bicampeão brasileiro e um dos nomes mais respeitados no futebol de todo o mundo, jogando pelo Palmeiras.

Esse respeito o levou à Seleção da FIFA, onde disputou partidas como titular barrando monstros sagrados como Fillol, Zoff e Maier. Mais do que isso, impressionaria o mundo com uma incrível invencibilidade na Copa de 1978 — permaneceu 457 minutos sem tomar gols. Um recorde que lhe dá a certeza de ser, sob um aspecto, o número 1 também em Copas do Mundo.

J.B. SCALCO

Nome: Émerson Leão; **Nascimento:** 11/07/1949
Local: São José dos Campos (SP); **Altura:** 1,79 m
Clubes: Comercial, São José, Palmeiras, Vasco, Grêmio, Corinthians, Palmeiras novamente e Sport Recife; 82 jogos pela Seleção

NELSON COELHO

UM DEUS FEITO DE TRANQÜILIDADE

Ele não tem a sorte de Castilho e é até chamado de pé-frio por alguns. Falta-lhe o carisma de Leão, mas sob pelo menos um aspecto **Carlos** é incomparável: a tranqüilidade. E não é de hoje que ele transmite essa segurança. Desde os tempos da Ponte Preta, onde começou aos 20 anos, já mostrava uma frieza de fazer inveja aos mais experientes. Uma tranqüilidade que, se não lhe deu títulos — só tem o paulista de 1988 —, o coloca para sempre na lista dos maiores goleiros do Brasil.

Nome: Carlos Roberto Gallo; **Altura:** 1,88 m
Nascimento: 04/03/1956; **Clubes:** Ponte Preta, Corinthians,
Local: Vinhedo (SP); Malatyaspor (Turquia), Atlético-MG e Guarani; 51 jogos pela Seleção

SILVIO PORTO

UMA ARMA CHAMADA HONESTIDADE

Enquanto a maior parte dos goleiros usa o artifício de se mexer para defender pênaltis, pelo menos um prefere fazer o contrário: **Acácio.** "Acho melhor esperar a definição do atacante", prega esse especialista em defesas de penalidades. E foi essa honestidade que garantiu seu lugar no Vasco. Acácio esperou uma chance, entrou no lugar de Mazarópi nas finais do Carioca de 1982 e não deixou o time, mostrando uma regularidade que o transformou em nome obrigatório na história vascaína.

Nome: Acácio Cordeiro Barreto; **Local:** Campos (RJ); **Altura:** 1,87 m
Nascimento: 24/01/1959; **Clubes:** Serrano-RJ e Vasco; sete jogos pela Seleção

A OBSTINAÇÃO EMBAIXO DAS TRAVES

Quando decidiu investir na profissão de jogador de futebol, o goleiro **Ronaldo** incluiu definitivamente uma palavra em seu vocabulário: persistência. E nem poderia ser diferente. Ao ser promovido para o time profissional em 1987, ele deparou sim-

SILVIO PORTO

plesmente com Carlos e Waldir Peres disputando a posição, o que aparentemente impossibilitava sua entrada na equipe. Pouco mais de um ano depois, ele não apenas era o titular do gol corintiano como se transformara em líder do elenco e nome cotado para qualquer convocação da Seleção.

Para chegar até aí, alguns monstros sagrados sofreram em suas mãos. O primeiro deles foi Darío Pereyra, de quem Ronaldo defendeu um pênalti logo em sua estréia no time principal do Corinthians, em 1988. Contra o XV de Jaú, porém, Ronaldo sofreria um gol de Ânderson entre suas pernas e seria novamente afastado. Mas em pouco tempo ele voltaria à equipe para provar sua obstinação, ser campeão paulista de 1988 e brasileiro de 1990. Por isso, os torcedores corintianos não têm dúvidas em confiar em um goleiro que, ao melhor estilo dos centroavantes, acredita em todas as oportunidades.

Nome: Ronaldo Soares Giovanelli
Nascimento: 20/11/1967
Local: São Paulo (SP)
Altura: 1,87 m
Clubes: Corinthians desde 1988; um jogo na Seleção

GOLEIROS FOLCLÓRICOS

A ARTE DE SER DIFERENTE

Jogar com as mãos e usar uniformes coloridos ainda é pouco para estes jogadores extravagantes, que entre uma defesa e outra sabem fazer graça e se promover

Se o time adversário não atacar, é provável que alguns torcedores nem se lembrem de que havia dois goleiros em campo. Mas nem todos os camisas 1 aceitam esta posição passiva de espectadores privilegiados de uma partida — ou a injustiça de só fazer parte do espetáculo nos momentos de alto risco. Frases de efeito, uniformes extravagantes ou mesmo a maneira de atuar distinguem estes jogadores. No Brasil, o melhor destes goleiros folclóricos foi Manga, um pernambucano que brilhou no Botafogo durante os anos 60, no Nacional do Uruguai e no Internacional bicampeão brasileiro de 1975/1976. Assim como os outros goleiros-shows, gostava de cobrar pênaltis e só se aposentou tardiamente, aos 45 anos. *Manguita, el fenomeno*, como passou a se autodenominar ao voltar do Uruguai, seguia a mesma linha de goleiros argentinos, como Ortiz, que atuou no Atlético Mineiro, e Gatti — legendário defensor do Boca Juniors. Hoje, o principal representante desta escola é o colombiano René Higuita, destaque do Mundial da Itália, que seguramente joga mais com os pés do que com as mãos.

SILVIO FERREIRA

RICARDO CHAVES

QUANTO MAIS VELHO, MELHOR

Manga se promovia porque gostava de brincar. Afinal, era um goleiro tão bom que nem precisava disso para sobreviver no futebol. Ficou famoso como um dos personagens das histórias do jornalista Sandro Moreyra, quando atuava no Botafogo. Também ficou conhecido como o goleiro dos dedos mais tortos, resultado de fraturas mal curadas

PEDRO MARTINELLI

ALL SPORT

O COLOMBIANO MALUCO
A ascensão do futebol colombiano está ligada à geração de Valderrama e Higuita. Enquanto o cabeludo loiro trata de armar as jogadas de gol, o cabeludo camisa 1 tenta evitá-los, mesmo que tenha de sair driblando os atacantes fora da área. Esta, aliás, é a sua marca registrada. Além do mais, Higuita é o cobrador oficial de pênaltis da Seleção Colombiana

ALBERTO CARLOS

ORTIZ ALEGRA O MINEIRÃO
Bater penalidades também era a maneira de o goleiro argentino Ortiz se fazer notar. Cabelos loiros compridos presos por uma fita branca, ele encontrou espaço para suas extravagâncias no Atlético Mineiro. Acima, cobra pênalti nos 4 x 1 sobre o CRB no Brasileiro de 1976

NICO ESTEVES

UM RECORDISTA ARGENTINO
Até o ano passado, com 47 anos, o veterano Hugo Gatti se dizia em condições de jogar no Boca Juniors, clube que defendeu durante treze anos. Tornou-se o recordista argentino com 729 atuações ao longo de sua carreira. No entanto, teve poucas chances na Seleção

PENOSAS LEMBRANÇAS

Quando menos se espera, lá está o bichinho, entrando maroto no gol do time da gente. Alegria de muitos, terror dos goleiros, ele é o frango — o animal mais traiçoeiro dos campos de futebol

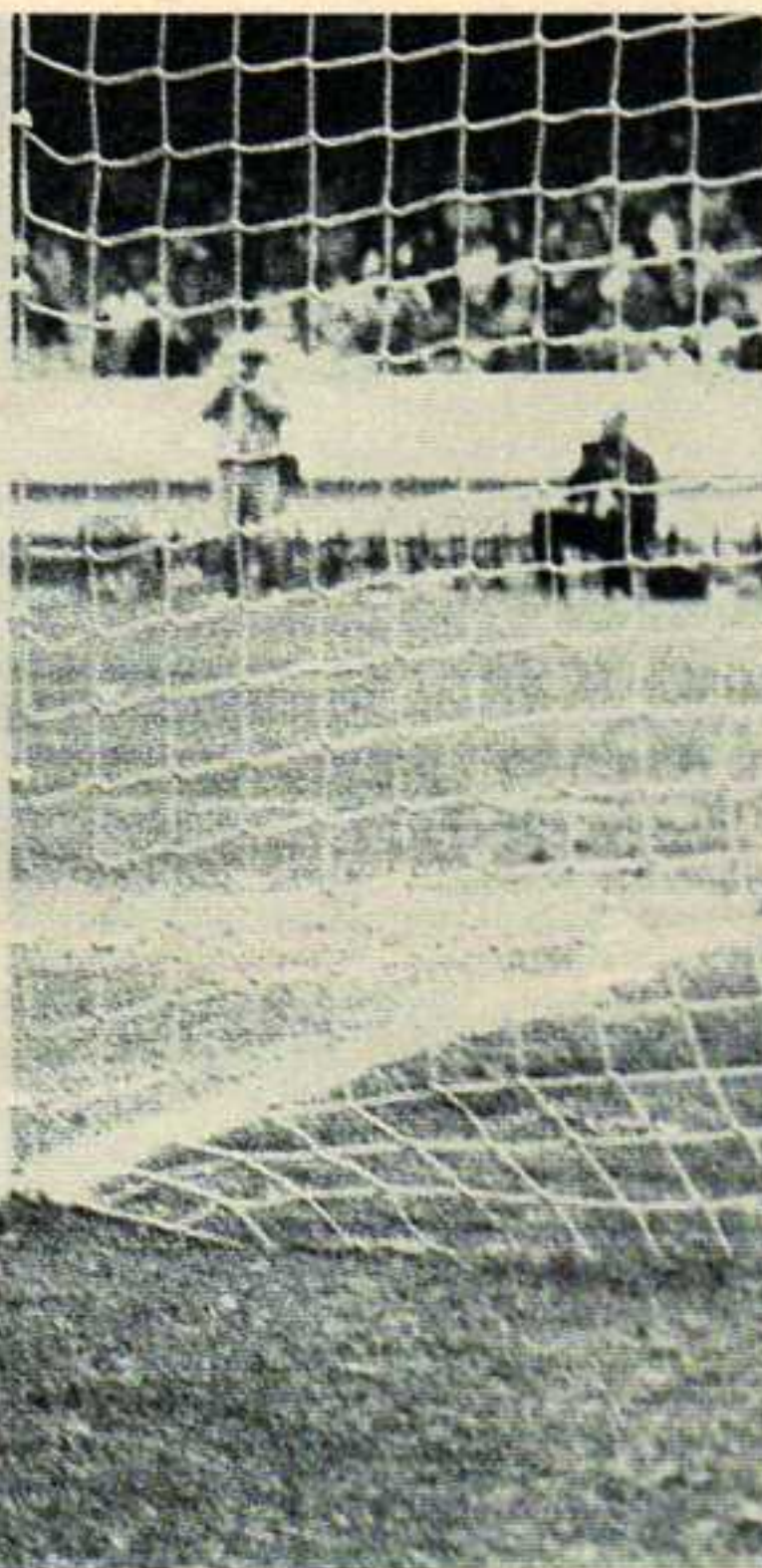
EDU GARCIA

Parecia uma defesa fácil, mas a bola encontra Zetti numa posição ingrata: com as pernas arqueadas

Ela vem mansa — "defensável", como dirão depois os críticos de plantão. Por isso, todo mundo prefere antever a seqüência da jogada em vez de prestar atenção em sua trajetória. E é aí que acontece: o goleiro "deixa passar uma bola fácil de defender", conforme uma das definições que o dicionário *Aurélio* dá para a palavra frango.

É um dos lances mais temidos do futebol: quando menos se espera, lá está o terrível galináceo, desfazendo uma campanha vitoriosa, mudando o destino de um jogo e, não raro, sepultando a carreira de muito goleiro bom. "Frango é acidente de trabalho, um erro humano como outro qualquer", acredita o goleiro Zetti, campeão brasileiro pelo São Paulo. Foi dessa maneira que ele encarou o maior dos que já deixou passar, nas semifinais do Campeonato Paulista de 1987. Zetti ainda jogava pelo Palmeiras, justamente contra o tricolor. Neto, então na meia-esquerda são-paulina, caprichou numa cobrança de falta da intermediária. E a bola, que parecia vir na direção do goleiro, passou inexplicavelmente no meio de suas pernas.

Justificar frangos, aliás, é tarefa a que até hoje muitos já se dedicaram. "O medo de errar altera o comando dos movimentos do corpo de um goleiro", explica o psicólogo José Ângelo Gaiarsa. Em seu livro *Futebol 2001*, ele afirma que o desvio de atenção a que o atleta está sujeito ocorre em um centésimo de segundo. Seria este espaço de tempo o verdadeiro responsável pelas falhas que se costuma atribuir, normalmente, aos goleiros. "O problema é que quem joga no gol aparece mais que os outros. Ninguém cobra com a mesma intensidade, por exemplo, os chutes tortos de um atacante", defende o psicólogo, também ele um ex-goleiro nas horas vagas.

A torcida, porém, não perdoa: em caso de frango, crucifica quem está no gol. Foi assim com o atleticano Hélio e o corintiano Barbosinha, que na década de 60 cometeram o pecado supremo de falhar em clássicos. Barbosinha assinou sua sentença de morte para o futebol ao aceitar dois gols idênticos no mesmo jogo, nas cobranças de falta do palmeirense Tupãzinho, em 1967. Já os frangos que desgraçaram o goleiro do Galo aconteceram no mesmo ano, em um 3 x 3 contra o Cruzeiro. O Atlético vencia por 3 x 1, levou o segundo e, depois de tomar o terceiro gol, Hélio caiu na

DOMÍCIO PINHEIRO AE

NELSON COELHO

PENAS DO OFÍCIO
Dois momentos da cobrança de falta que originou o gol de Neto, em 1987. *Acima*, a bola, "lisa", escapa dos braços e passa entre as pernas de Zetti. *Ao lado*, o goleiro percebe que não há mais nada a fazer: "Acidente de trabalho"

FOTOS MANOEL MOTTA

A bola passa por Waldir Peres, que, desesperado, corre para evitar o vexame. Em vão: a chuva não deu sossego ao goleiro

besteira de sorrir. Nunca mais vestiu a camisa alvinegra.

Também foi em um clássico que Taffarel teve seu dia de frangueiro. Invicto há mais de 860 minutos, ele levou um inacreditável gol do gremista Jorge Veras — que, mesmo sem ângulo, colocou a bola mansa entre o goleiro e o poste. "Foi tão rápido que, na hora, eu já pensava em repor a bola em jogo", explicaria depois. O desfecho foi tão inesperado quanto o lance: 50 000 colorados aplaudiram de pé o então jogador do Inter. Outro que sobreviveu a um frango foi Mazarópi. Apesar de ter deixado escapar entre seus braços uma bola despretensiosa, alçada por Alberto Leguelé em um Vasco x Bahia, ele permaneceu em São Januário para ser campeão no ano seguinte. Como o corintiano Jairo, campeão paulista de 1979, não sem antes engolir um gol do meio do campo marcado por Dodô, do São Bento.

Mas, quando o pobre goleiro, defendendo a Seleção de seu país, é vítima de "frangos selecionados", não sobra lugar para homenagens. Que o digam os zairenses Kazadi e Tubilandu. Ao voltar da Copa de 1974 com a bagagem de catorze gols tomados em três jogos, foram perseguidos pelo governo do marechal Mobutu Sese Seko — que, em congolês, quer dizer "galo que não deixa as galinhas em paz".

Há casos em que frangos na Copa têm final feliz. Em 1970, Félix observou passivamente um chute fraco, do uruguaio Cubilla, que acabou no fundo de seu gol. "Naquela época, eu era sempre o culpado de tudo", reclama o goleiro que terminou tricampeão

ABRIL

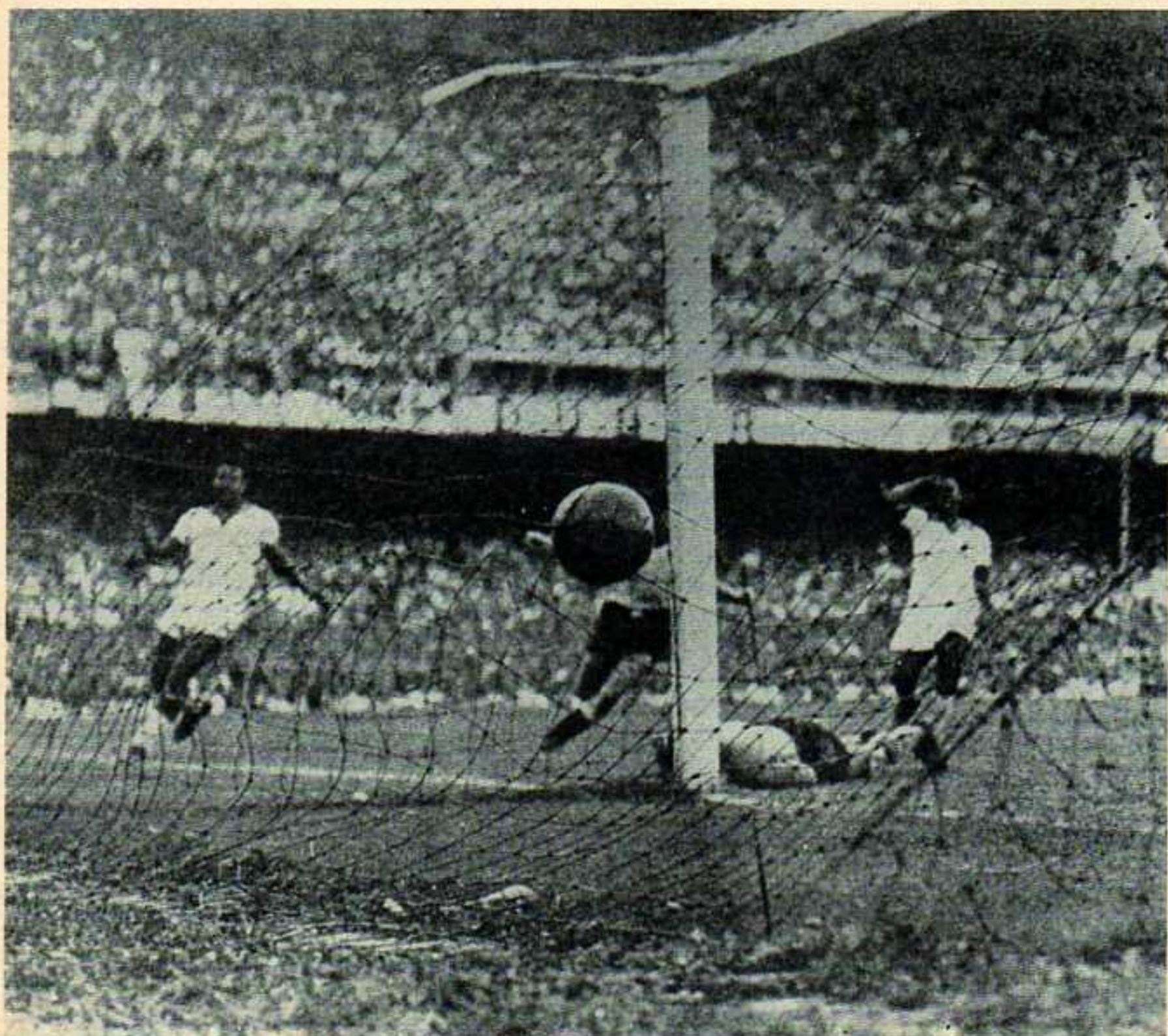
Dois gols de falta num jogo só: Barbosinha nunca mais defendeu o Timão

ZIKA ARAÚJO / AFP

Nove da Iugoslávia, três do Brasil: de gol em gol, o Zaire encheu o papo. O azar foi dos goleiros

MANOEL MOTTA

Do meio do campo, Dodô, do São Bento, encobre o desolado Jairo, de 1,90 m

FRANGO OU NÃO, UMA TRAGÉDIA
Não basta deixar de falhar: às vezes, o goleiro é mais cobrado pelo que deixou de fazer. É o caso de Barbosa, o goleiro da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950. Até hoje tem gente que jura: ele poderia ter evitado o segundo gol uruguaio, que valeu a perda do título

do mundo. Para sua sorte, o Brasil virou aquela partida para 3 x 1 e classificou-se para a final. Como viraria também o jogo de estréia na Copa de 1982, contra a URSS, em que Waldir Peres foi surpreendido por um chute de fora da área do meio-campista Bal. "Naquele lance estava com a visão totalmente encoberta", costuma justificar. Waldir também foi personagem de um Corinthians 3 x São Paulo 2, em 1976, digno de figurar no livro dos recordes. Chovia bastante e, dos cinco gols, ele e seu colega Tobias foram responsáveis por quatro frangos — dois para cada lado.

O mais cobrado de todos os goleiros que já jogaram na Seleção Brasileira, no entanto, foi mesmo Barbosa. Seu momento fatídico, é verdade, não é um frango unânime — 41 anos depois, ainda se discute se a culpa teria sido dele ou dos zagueiros Juvenal e Bigode, que permitiram o avanço do ponta uruguaio. Mas a bola passou entre Barbosa e a trave, consumando a tragédia ao roubar a Copa do Mundo de 1950 das mãos do Brasil. A dimensão de sua falha acabou imortalizada nesta frase de Ghiggia, o autor do gol: "Apenas três pessoas, com um único gesto, calaram o Maracanã com 200 mil pessoas: Frank Sinatra, o papa João Paulo II e eu".

GOLEIROS POR UM DIA

CRAQUE JOGA NAS ONZE

Não foram só os especialistas que viveram o momento mágico de ser goleiro. Alguns craques mostraram que na hora do aperto podiam jogar em qualquer posição

O holandês Rinus Michels ainda nem sonhava em revolucionar o futebol mundial com a seleção de seu país. Dentro de campo, do outro lado do mundo, uma série de jogadores já havia levado a expressão "futebol total" às últimas conseqüências. Em vez de táticas modernas ou deslocamentos capazes de tornar um único homem um gigante em dez posições, o jeito foi fazer valer a máxima de que o verdadeiro craque joga nas onze, inclusive no gol.

Não foram poucos os golpes do destino que transformaram deuses na arte de colocar a bola nas redes em notícia ao evitarem que outros conseguissem marcar. Até mesmo Pelé viveu o momento mágico de ser goleiro e não deve ter ficado pouco à vontade.

Afinal, para quem sempre foi único, longe da camisa 10, com qual outra camisa poderia se imaginar o Rei a não ser a 1? Por isso, ele não se contentou em ir uma vez para baixo das traves e atuou em duas partidas na posição. Na primeira delas, após a expulsão de Gilmar, Pelé tornou-se goleiro por 5 minutos, conseguiu segurar a pressão do Grêmio mantendo a vitória santista por 4 x 3 e levou o Santos à final da Taça Brasil de 1964 contra o Bahia.

Na segunda, em um amistoso com o Botafogo da Paraíba em 1969, em que fez seu 999.º gol, ele ficou na posição por mais tempo. O titular Jair se contundiu aos 28 minutos do segundo tempo, obrigando-o a garantir a vitória por 3 x 0 durante 17 minutos.

Mas jogar no gol, mesmo sem experiência para isso, muitas vezes pode ser menos complicado do que se imagina. "Os atacantes passam a chutar de longe para explorar a fraqueza do goleiro e isso facilita o trabalho", conta o ex-ponta-direita Vaguinho, que substituiu Sérgio Valentim em um amistoso do Corinthians contra a Portuguesa em 1975. Mesmo assim, ele precisou mostrar qualidades com as mãos para defender um chute de Dicá, um mestre nos tiros de longa distância.

ABRIL

O REI VESTE A CAMISA 1
Mesmo na fogueira, Pelé se saiu bem como goleiro. Segurou o resultado e levou o Santos à final da Taça Brasil de 1964

JOSÉ PINTO

DA PONTA PARA O GOL
Em 1975, Vaguinho abandonou a arte de fazer gols e passou a evitá-los. Nem os chutes de Dicá conseguiram superá-lo

RODOLPHO MACHADO

UM GOLEIRO DAS ALTURAS
Na final do Brasileiro de 1978, a altura levou Escurinho ao gol, mas não o ajudou a defender um pênalti de Zenon

Quando a bola se aproxima da área nos pés de quem conhece os segredos para deslocar um goleiro, aparece o mais sério problema. Esse foi o caso do atacante Escurinho, que se viu diante da responsabilidade de defender um pênalti cobrado por Zenon, na final do Campeonato Brasileiro de 1978. "Ele me tirou completamente da jogada", lembra o antigo craque do Palmeiras, levado ao gol de seu time após a expulsão de Leão graças exclusivamente à sua altura — o centroavante Toninho era quem costumava ser goleiro nas brincadeiras de final de treino.

Por isso, mesmo estando em campo na vitória por 2 x 0 do Internacional sobre o Moto Clube, em 1973, quando atuava no clube gaúcho, Escurinho não assumiu os riscos. Quem pegou a camisa e caminhou para o lugar de Rafael — expulso — foi Figueroa, que sequer perguntou se alguém mais se dispunha a fazê-lo, devido à sua natural liderança. "Mas no tempo em que ficou no gol ele só pegou bolas atrasadas", lembra Escurinho.

FOTOS ARI GOMES

UMA NOITE DE GLÓRIA
Em 1988, Gaúcho defendeu os pênaltis de Aldair e Zinho, deu a vitória ao Palmeiras contra o Flamengo e viveu a melhor atuação entre os goleiros improvisados

O mesmo comportamento teve Gaúcho, que viveu a mais feliz atuação de todos os goleiros improvisados. Depois de uma fratura na perna direita de Zetti, o então centroavante do Palmeiras impediu que o zagueiro Heraldo assumisse a posição, vestiu a camisa número 1 e viveu uma noite de glórias. Apesar de tomar um gol de Bebeto, que empatou o jogo em 1 x 1 no tempo normal, Gaúcho defendeu as cobranças de Aldair e Zinho na disputa por pênaltis — o regulamento do Brasileiro de 1988 previa este desempate — e deu a vitória ao Palmeiras contra o Flamengo. "Sempre gostei de jogar no gol quando criança", lembra o atual centroavante do Flamengo.

Mesmo que não tivesse feito todas essas defesas, porém, Gaúcho já estaria automaticamente em uma lista de jogadores que tiveram a coragem de assumir os riscos e ajudar seus clubes fora de suas posições. Talvez fossem jogadores tão completos que nem Rinus Michels ousaria imaginar.

OS SEGREDOS DO GOL

Como qualquer outra posição, o gol tem seus segredos. Saídas em falso e falhas desconcertantes, porém, podem ser evitadas desde que se tenha paciência e muito treino

Trabalho, dedicação e muita paciência. Talvez até mais do que talento, qualquer grande goleiro precisa desses três requisitos. A rotina dos maiores profissionais da posição começa com um rigoroso aquecimento, passa por treinamentos para melhorar a saída de gol e chega a uma torturante sessão de abdominais. Mais importante do que isso para quem sonha em se tornar um especialista na tarefa de evitar o gol são os fundamentos indispensáveis para se fazer qualquer defesa. Quem dá essas dicas é o preparador de goleiros Valdir de Moraes, acompanhado por seus quatro discípulos no São Paulo campeão brasileiro — Zetti, Marcos, Alexandre e Júlio César.

Os cinco dão dicas desde a colocação em uma cobrança de escanteio até como melhorar a recuperação em bolas rebatidas. Depois dessa seqüência de ensinamentos, os candidatos a goleiro só precisam de uma coisa: vontade para iniciar uma longa e gratificante caminhada de sucesso na posição.

A ROTINA COMEÇA COM UM AQUECIMENTO

Antes de iniciar os treinamentos é preciso fazer um rigoroso aquecimento. Os exercícios começam com corridas laterais passando a bola de um a outro lado do corpo sem cruzar as pernas. Depois, uma seqüência de chutes rasteiros e a meia altura em cantos alternados

FOTOS RICARDO CORRÊA

O aquecimento começa com corridas laterais com a bola, em que não se deve cruzar as pernas

Chutes rasteiros em cantos alternados para aquecer os músculos e deixar o corpo ágil

Bolas a meia altura acostumam o corpo a cair e ter velocidade para a recuperação

A POSIÇÃO PARA UMA BOA SAÍDA

Um dos momentos mais difíceis para os goleiros é a saída do gol. É preciso ter um posicionamento correto, velocidade para chegar à bola e saber calcular as passadas até a subida. O ideal é dar entre três e quatro passos antes de cortar o cruzamento. Esse cálculo, porém, depende de cada goleiro e da própria velocidade da bola quando passa pela grande área

No momento do cruzamento, o posicionamento correto é entre o meio do gol e o segundo pau

É preciso ter velocidade para chegar à bola e calcular o número de passadas antes de subir

Nos cruzamentos curtos o canto deve ser completamente fechado

RECUPERAÇÃO EXIGE MUITA VELOCIDADE

Os cruzamentos curtos de dentro da grande área exigem treinamentos específicos. O goleiro deve se colocar sempre um passo além do primeiro pau para não deixar espaços entre ele e a trave. Também é preciso esperar a definição do atacante antes de tentar interceptar o cruzamento. Nos exercícios há sempre um jogador na entrada da área com uma bola. Caso o goleiro não corte o primeiro lance, ele a chutará no canto oposto, exigindo a recuperação

A posição correta do goleiro é um passo além do primeiro pau

É preciso esperar a ação do atacante antes de tentar a defesa

Se a defesa não for feita, um atacante chutará no canto oposto

O goleiro deve ter velocidade para conseguir a recuperação

A COLOCAÇÃO IDEAL NOS ESCANTEIOS

O perigo dos escanteios cobrados com pé trocado pode ser evitado. Para isso, basta ter boa colocação no momento da cobrança e usar os fundamentos necessários para qualquer outra saída do gol. O posicionamento, porém, muda um pouco. Como o cruzamento é fechado, o goleiro deve ficar entre o meio do gol e o primeiro pau para chegar mais rápido até a bola

A posição do goleiro no momento do escanteio é entre o meio do gol e o primeiro pau

É preciso agilidade para evitar que a bola passe entre a trave e o goleiro ou seja tocada por um atacante

DEFESAS ALTERNADAS DÃO MAIS AGILIDADE

Para agilizar os movimentos e tornar mais rápida a recuperação em bolas rebatidas, os goleiros fazem exercícios defendendo dez chutes da entrada da grande área. Os chutes são dados em seqüência e em alta velocidade, obrigando o goleiro a se levantar rapidamente e saltar para outra defesa. Além de dar mais velocidade, esse exercício serve para apurar os reflexos e fortalece a musculatura das pernas

Os exercícios exigem elasticidade dos goleiros para saltar em bolas de grande dificuldade...

...e agilidade para, nas rebatidas, se levantar e correr para outra defesa no canto oposto

FOTOS RICARDO CORRÊA

UM CHUTADOR PARA OS TREINOS

Poucas pessoas têm mais autoridade para falar sobre a posição de goleiro do que Valdir de Moraes. Titular do Palmeiras na maior parte dos anos 60 e com três partidas pela Seleção Brasileira, ele se tornou o melhor preparador para a posição no país e uma das poucas unanimidades na comissão técnica que participou da recente Copa América. Por isso, a maioria dos goleiros toma como lei as suas recomendações, a começar por uma: "É preciso conhecer a velocidade da bola", argumenta. "Por isso, os treinos exigem sempre um chutador"

AVANÇAR AJUDA A FECHAR O ÂNGULO

Quando o atacante entra em velocidade na grande área e se coloca frente a frente com o goleiro, só existe uma possibilidade de evitar o gol: fechar o ângulo. Para isso, é preciso se adiantar o máximo possível, diminuindo a visão do atacante. Embora ainda reste a possibilidade de um toque por cobertura, a chance de defesa ou de um chute para fora aumenta bastante

FÔLEGO DOBRADO ANTES DO DESCANSO

Depois de toda a maratona de exercícios, ainda é preciso ter um pouco de fôlego. É recomendável fazer uma sessão de aproximadamente 150 abdominais para fortalecer a região do abdômen, muito utilizada pelos goleiros. Essas flexões, porém, não precisam ser realizadas imediatamente após os treinamentos. Se os exercícios específicos para a posição forem feitos pela manhã, por exemplo, elas podem ser realizadas à tarde. Mesmo nessas flexões, é necessária a utilização da bola, para acostumar o goleiro a ter esse contato sempre que estiver em campo.

OS SEGREDOS DOS CAMPEÕES

O time dos supermotéis de São Paulo agora cresceu e dá um verdadeiro olé! Veja nas próximas páginas por que eles são imbatíveis.

SWING

Av. Duquesa de Goiás, 430, tel. 844 6199. Morumbi.

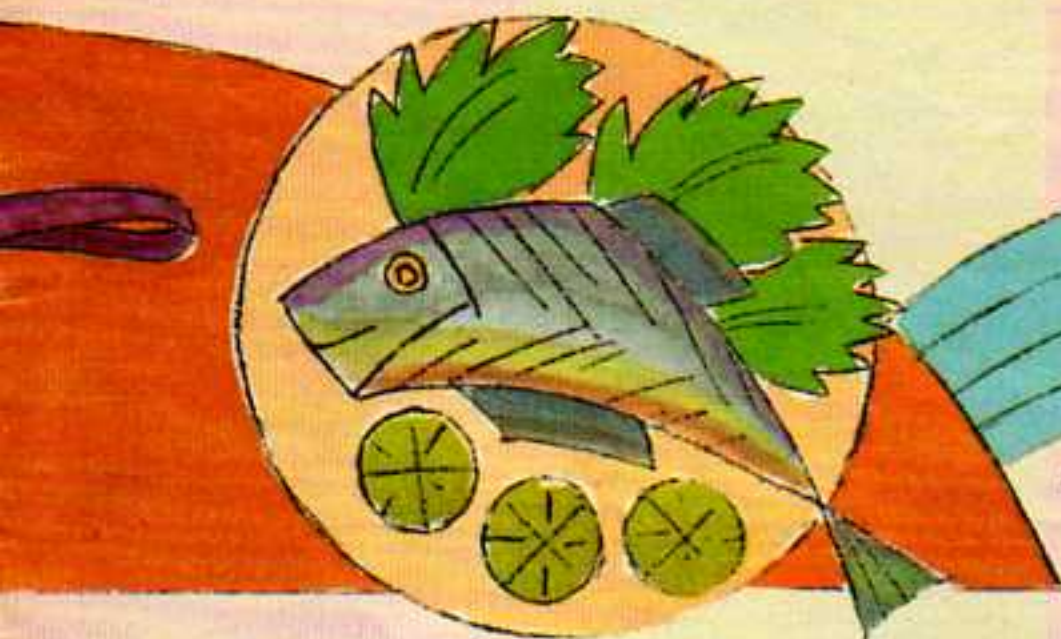
Do projeto e decoração ao cuidado com gostosas mordomias, estes motéis levaram a cotação máxima do Guia Playboy. Ao lado dos pioneiros, novos endereços chegam ao topo da lista. Confira as atrações dos vencedores, e escolha o ideal para suas noites de prazer. E que tal propor à sua parceira um completo roteiro de delícias por todos eles?

No exclusivíssimo time dos cinco coelhos há muitos anos, o Swing faz da atualização um ponto de honra. Do charme e ousadia do ensaio erótico do fotógrafo Paulo Rocha, com que decorou suas 63 suítes, ao projeto exclusivo das tríplex "Embaixador" (uma maneira inteligente de dar mais dimensão ao prazer), tudo traduz requinte. Sem falar na sutileza das cores neutras de seu décor, da maciez dos colchões que convidam a doces mergulhos ou do atendimento eficiente que vai da recepção até a saída. De fácil localização, próximo à ponte do Morumbi, tem ainda o cardápio farto e serviço informatizado. Se a visita for em dia de grande movimento, aproveite para um drinque no Swing Piano's Bar: transformará a espera em doces preliminares.

Eden

Av. D. Pedro I, 5101 (acesso pelo km 115 da Via Dutra), tels. (0122) 33 5121 e 32 2107, Taubaté.

Le Moulin

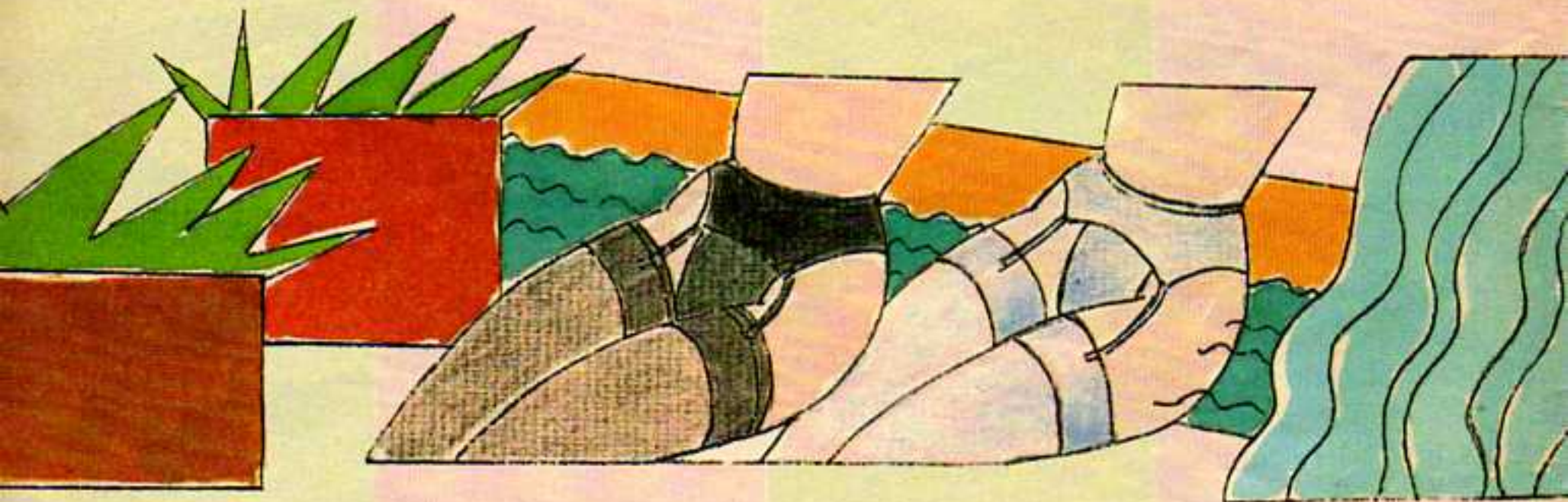
Av. Maria Servidei Demarchi, 100, km 22,5 da Via Anchieta, tel. 451 5155, São Bernardo do Campo.

A melhor surpresa não é o fato de este verdadeiro paraíso se encontrar fora do eixo atendido pelos grandes campeões. O Éden conquistou destaque entre São Paulo e Rio por sua localização e os serviços de um hotel convencional. Sua cozinha internacional mantém tradição permanente. Uma equipe cuidadosamente treinada faz do atendimento o ponto forte deste motel. O brilho das cortinas douradas e a nobreza do granito completam o clima de suas salas de banho onde banheiras de hidromassagem são iluminadas por dentro, com um sistema alemão de fibra óptica. A preocupação maior do Éden sempre foi manter uma constante atualização, tanto em serviços no atendimento quanto na decoração. Libere suas fantasias num convite tentador que vale a viagem até lá.

Outro dos pioneiros na tradução das fantasias que o romantismo pede, o Le Moulin tem espaços amplos e decoração única e bem cuidada — onde o verde ganha o toque de muitas e belas plantas distribuídas em suas 75 suítes. A "Le Moulin", com 360 m², é a maior das suítes entre os motéis cinco coelhos: em seis ambientes, apresenta piscina com cascata, jardim, sala em mármore, solário com teto móvel, bar, lareira, pista de dança e sala de jantar onde reluzem delicados cristais. Mas as seis "Arrogance" não ficam atrás, exibindo bom gosto e proporcionando todo esse conforto em 290 m². Nelas, você gozará os mesmos privilégios de um clube privê só para dois — sem precisar se preocupar com reservas.

Astúrias

Av. Nações Unidas, 7715, tel. 210 4661. Pinheiros.

Côncavo e Convexo

Av. do Estado, 6600, tel. 274 7433, Cambuci.

É o mais novo sócio deste time de vencedores: um feliz projeto que soma uma das mais privilegiadas localizações com o que se poderia esperar de mais moderno em equipamentos. Suas 56 suítes esbanjam requintes desde a garagem, com as portas acionadas automaticamente por raios infravermelhos. Esse show continua com as luzes de néon no teto, mármore ou granito revestindo as escadas que levam à suíte, solário com teto móvel, piscina aquecida (com direito a uma cascata na **Presidencial**), hidro com iluminação a laser, e até tábuas de ipê no piso dos quartos. Na sala de refeições, você pode usufruir de um cardápio rico e variado e de uma boa carta de vinhos. Tudo com o conforto e o charme que merece o seu próximo programa.

Romantismo e aconchego ele tem até no nome. O romantismo se revela no conforto e no cuidado com a apresentação. O aconchego se mantém num padrão de serviços e equipamentos de excelente nível em todas as 40 suítes. Acrescente-se ainda a harmonia nos tons sóbrios, móveis e quadros de uma decoração atenta. Experimente, por exemplo, uma das 27 "Aspen": suítes em que, além das boas mordomias, se oferece um arranjo visual "clean", com cama revestida em tecido do mesmo tom das madeiras e do painel onde fica embutida. O piso e as paredes do banheiro mantêm o tom do mármore ou granito da pia. E, para esquentar ainda mais o seu programa, em noites mais frias é acionado um sistema de calefação, garantindo ainda mais calor para vocês dois!

Colonial Palace

Av. Abraão de Morais, 966, tel. 577 6391, Jardim da Saúde.

Serviço impecável e informatizado, aliado a um constante investimento em reformas que modernizassem suas 44 suítes, colocou o Colonial Palace entre os campeões da cidade. Hoje, as suítes apresentam vidros e espelhos bissotados em estilo inglês, jardins de inverno e o principal: a tranqüilidade necessária a um local onde prazer é a palavra de ordem. Mas não é só. Além da ótimà localização, tem ainda a vantagem da cobrança de hora adicional proporcional, o que evita o pagamento de duas diárias caso se exceda o período de quatro horas, comum a todas as suas suítes. Para quem aguarda a sua vez, uma confortável sala de espera com serviço de bar e no pátio uma fantástica fonte luminosa. Para tornar seus momentos ainda mais agradáveis.

Eles têm muito em comum! A qualidade dos equipamentos e o carinho com que conservam tudo em bom funcionamento — dos canais de som e TV às saunas e hidros. Mais: contam com lavanderias que garantem toalhas e lençóis impecáveis. E cozinhas de onde saem tentadores pratos. Por isso, mereceram levar nota 10 no Guia de Motéis de Playboy.

O PÊNALTI

CEM ANOS DE

SOLIDÃO

Por mais que se destaque durante um jogo, nenhum momento no futebol é mais importante para o goleiro quanto o pênalti. Há um seculo a cena se repete, e nessa hora, mais que em qualquer outra, ele está só. A regra, fria e imparcial, é a primeira a isolá-lo, não permitindo que companheiros ou adversarios se aproximem a menos dos 16,50 m que delimitam sua área. Só então a solidão é quebrada, mas por uma indesejável aproximação: a do cobrador da penalidade, disposto a decidir aquele momento de tensão a seu favor. Ainda há tempo para um último pensamento, que passa pela cabeça dos companheiros de time, da torcida e do próprio goleiro: agora, é só com ele

O PÊNALTI

O zagueiro corta com a mão. E assim nasce o pênalti

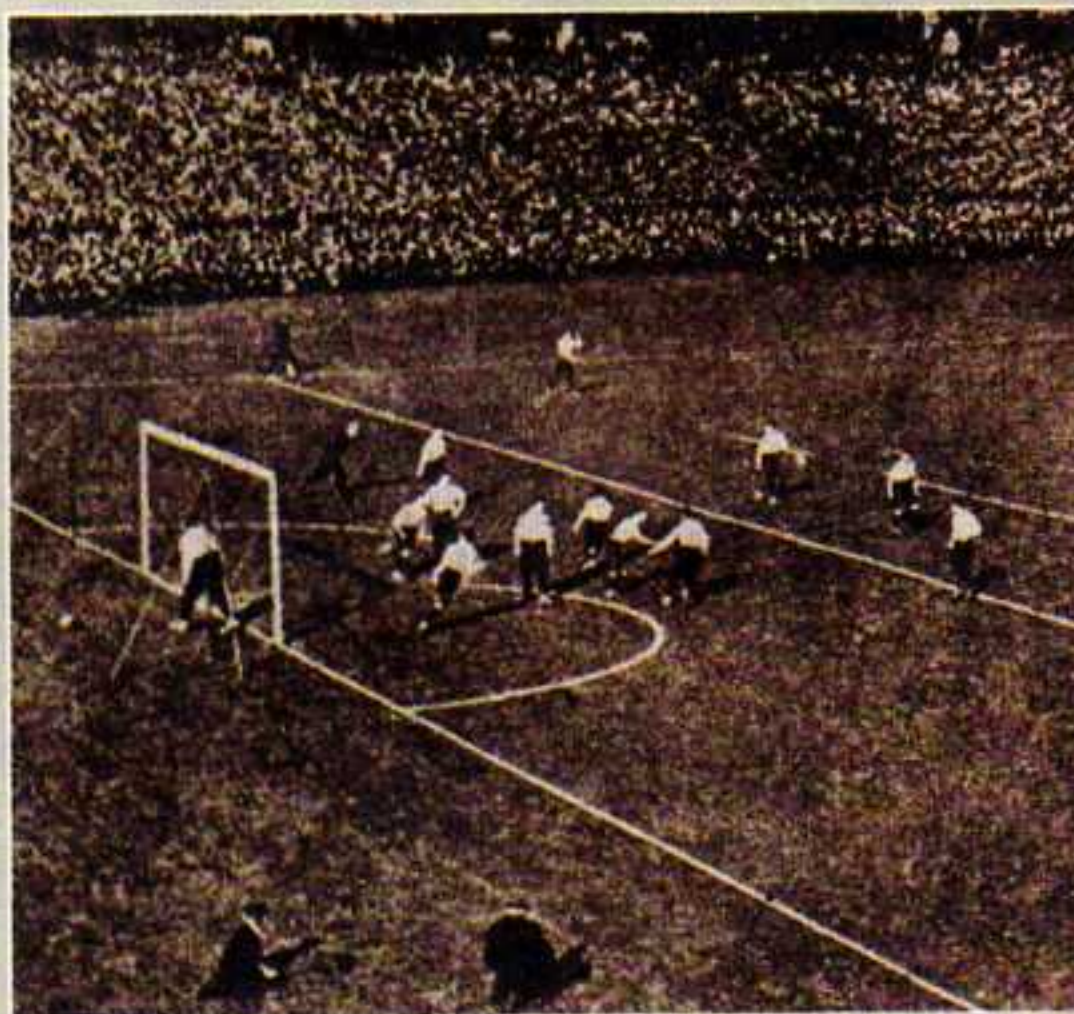
Desde que William McCrum, um goleiro (quem diria!) irlandês, sugeriu a criação do pênalti à International Board, que definia as regras do futebol, sua cobrança tornou-se um ritual. Cada vez mais importante, é a única infração cuja execução se permite depois de esgotado o tempo regulamentar. Em compensação, os outros goleiros, colegas do inventor, nunca mais dormiram sossegados.

"O goleiro é mesmo um mero solitário", assume Zetti, campeão brasileiro de 1991 pelo São Paulo. "E a hora do pênalti é só mais um momento de solidão para quem treina separado e até os gols tem que comemorar sozinho." Para muitos uma covardia, para outros algo tão especial que deveria ser chutado pelo presidente do clube, o pênalti faz cem anos provocando polêmicas nestes tempos em que se pensa na mudança das regras para agilizar o jogo. "A marcação do pênalti deveria se limitar às bolas que vão na direção do gol", sugere Zetti. "Muitos lances que acontecem na área não teriam necessidade de uma cobrança direta, a onze jardas, como ocorre."

Mas nem sempre foi assim. O pênalti nasceu para punir com mais rigor as faltas que acontecem perto do gol, onde a cobrança simples era impraticável. Às vezes, quando ele não existia, juntava-se um bolo de jogadores dos dois times a poucos centímetros da linha do gol, onde a bola raramente chegava. Como aconteceu no último minuto de um jogo entre Notts County e Stoke City, pela Copa da Inglaterra, em 1891. O zagueiro Hendry, do Notts, que já vencia por 1 x 0, evitou o gol de empate tirando com a mão uma bola na linha. A cobrança, a poucos centímetros da meta, deu em nada: o goleiro do

FOTOS FIFA MAGAZINE

INVENÇÃO IRLANDESA

O pênalti não só deveria ser batido como também foi inventado pelo presidente do clube. William McCrum *(no círculo)*, goleiro e presidente do Milford Everton, da Irlanda, sugeriu sua criação para acabar com confusões como a do jogo Notts x Stoke City *(acima)*. Só que, no começo, o lance era ainda mais temido pelos goleiros, pois a linha da área pegava toda a extensão do campo *(abaixo)*. Ou seja: toda falta entre ela e o gol era punida com o tiro direto

ADHEMAR VENEZIANO

ADHEMAR VENEZIANO

NA MARCA PENAL, A MARCA DOS MIL

Pelé já havia dedicado ao pênalti uma atenção especial, ao inventar uma jogada para este lance: a "paradinha", em que corria para a bola, ameaçava chutar, deslocava o goleiro e, com o gol vazio, concluía a cobrança. Mas a FIFA proibiu sua criação, e o jeito foi homenagear o pênalti com a marcação de seu milésimo gol. Foi em 19 de novembro de 1969, pelo terceiro Robertão, no Maracanã, na vitória do Santos sobre o Vasco por 2 x 1. "Bate, bate", pedia o estádio em peso. E o Rei não se fez de rogado: bola em um canto, o esquerdo, e o goleiro argentino Andrada também. Mas seria um pecado estragar a festa do pênalti mais comemorado da história

O PÊNALTI

No começo, era chamado de "pena de morte" e "loucura"

Notts colocou-se na frente da bola, como a regra permitia, e defendeu-a facilmente. Mas ficou claro que algo precisava mudar. E depois dessa confusão finalmente aprovou-se a proposta do *penalty kick*, numa reunião em Glasgow, na Escócia, em 2 de junho de 1891.

Os ingleses e a imprensa foram desde o início os inimigos número um da novidade. Enquanto os jornais da época chamavam-no ironicamente de "pena de morte para os goleiros" e de "idéia louca dos irlandeses", os ingleses, inventores do futebol, se ofendiam. Acreditavam que um jogo disputado só por cavalheiros não precisava de regras para punir tão severamente jogadas desleais — elas simplesmente não existiriam. Uma doce ilusão britânica, mas que tinha até algum fundamento naqueles românticos primeiros tempos do esporte, quando o cavalheirismo parecia mesmo falar mais alto.

O Corinthians Team, da Inglaterra, por exemplo, recusava-se a sequer tentar defender as cobranças — seus goleiros, reconhecendo na marcação um recurso ilícito para impedir um gol quase certo, ficavam encostados na trave, deixando o gol escancarado. E os adversários, em retribuição, eram mais educados ainda, jogando sempre a bola para fora, de propósito. Por isso resolveu-se dar um basta a essa troca de favores, mudando a regra para os goleiros em 1905. Até então, eles tinham direito de se adiantar seis jardas da linha do gol, mas agora eram obrigados a ficar embaixo das traves.

Essa não foi a única mudança nas regras em cem anos. A grande área, por exemplo, como a conhecemos hoje, não existia. Sua linha ia de uma lateral à outra, se estendendo por todo

O goleiro Bats derruba Branco, na Copa do Mundo de 1986: o primeiro pênalti...

Na série de cobranças alternadas, a bola bate em Carlos e entra...

PEDRO MARTINELLI

TRANQÜILIDADE PARA SUBSTITUIR OS GRANDES

Suceder grandes goleiros pode ser um problema para muita gente. Mas para **Ivanílton Sérgio Guedes,** titular do gol do Santos há três anos, esse é apenas um hábito muito salutar. Desde que iniciou sua carreira, na Ponte Preta, Sérgio foi premiado com a tarefa de manter a tradição de grandes escolas de goleiros. Inicialmente substituiu a Carlos no time de Campinas. Tudo ia bem até que, em um Derby contra o Guarani, um chute de longa distância passou entre suas pernas e pareceu levá-lo da glória ao ostracismo.

Um voto de confiança da torcida e principalmente a transferência para o Santos, em 1988, porém, reacenderam o brilho de sua carreira. Com muita tranqüilidade e boa colocação, Sérgio fez os torcedores esquecerem o uruguaio Rodolfo Rodriguez, deu continuidade à linhagem de talento na meta santista e chegou à Seleção. Azar dos seus antecessores no Santos

Neste momento único, o goleiro vira herói

o campo. Quer dizer: qualquer falta entre ela e a linha de fundo, mesmo na lateral, era pênalti. Também não existia a marca penal: a cobrança era feita a partir de qualquer ponto dessa linha, a doze jardas do gol, dependendo do local em que saía a falta. Só em 1902 apareceu a pequena área, a marca de pênalti e a grande área nos moldes atuais. A meia-lua, que serve para delimitar a distância a que os outros jogadores devem ficar na hora da cobrança, é ainda mais nova, e só surgiu em 1937.

Nesses cem anos, apesar da solidão de que reclamam, os goleiros mais se consagraram que sofreram críticas na hora das cobranças. É o momento único do herói, que ora se incorpora no brasileiro Gilmar, campeão pelo São Paulo, ora no francês Bats, desclassificando o Brasil da Copa no México. Os dois em 1986, sempre na cobrança de pênaltis. "É um momento trágico, e cabe a nós, goleiros, transformá-lo em nossa hora de glória", define Gilmar, que vem de uma recente vingança particular contra Bats. Em junho passado, em um torneio na França, o Flamengo eliminou o Paris Saint-Germain, time do goleiro que defendeu o pênalti de Zico, em 1986. Gilmar defendeu dois pênaltis, e Bats, desta vez, nenhum.

Fatos como esse enriqueceram a história dos penais, desde que se resolveu fazer das cobranças alternadas o último critério de desempate para uma partida eliminatória ou decisão de um título. Os cinco pênaltis, nestes casos, conseguem o que nem 120 minutos de jogo, contando a prorroga-

LEMYR MARTINS

Cejas comemora antes de saber que o título seria dividido

ZEKA ARAUJO

Fim da solidão: Mazarópi defende e os vascaínos fazem a festa

DECISÕES NA MARCA FATAL

Pelo menos duas vezes nos campeonatos estaduais a solidão das cobranças de pênalti se estendeu da grande área até as arquibancadas. Lá, mais de 100 mil corações provavam que estar só é possível no meio de uma multidão. Foi isso o que sentiram os vascaínos na final do Carioca de 1977, quando venceram o Flamengo por 5 x 4 com Mazarópi defendendo uma cobrança de Tita. Em 1973, em São Paulo, Armando Marques causou uma confusão, ao encerrar a disputa na terceira cobrança, quando o Santos vencia por 2 x 0 e a Portuguesa podia empatar, dividindo o título

JOSÉ PINTO

As disputas por pênaltis que ajudaram a conquistar o país: Waldir Peres e Gilmar fizeram defesas. Indio *(no meio)* marcou e esperou a ação de Rafael

LUIS CARLOS DAVID

O PÊNALTI VALE UM PAÍS

Eles tinham a liderança de um estadista que acalmava os companheiros chamando a responsabilidade para si e concentrando a esperança das torcidas em uma arma: as mãos, que podiam garantir um Campeonato Brasileiro em uma disputa por pênaltis. Eram goleiros conquistadores, cujo exemplo principal ficou na história: Waldir Peres. Foi ele quem deu o título de 1977 ao São Paulo, defendendo uma cobrança e inibindo Márcio e Toninho Cerezo, que chutaram fora. Talvez tenha sido ele um dos motivos do desempate por pênaltis no Brasileiro de 1988. E ele fez escola. Rafael deu a vitória ao Coritiba contra o Bangu, em 1985, e Gilmar deu o título de 1986 ao São Paulo. Hoje, eles estão na lista dos conquistadores do país da bola

SERGIO BEREZOVSKY

O PÊNALTI

Para o maior goleiro brasileiro, uma covardia

ção, fazem: definir um campeão, como o Vasco, no Rio, em 1977, o São Paulo, no Paulistão de 1975 e nos Brasileiros de 1977 e 1986, ou o Santos, junto com a Portuguesa, na inusitada decisão paulista de 1973.

"Para nós, é o momento crucial da partida. Você, indefeso, contra um indivíduo que coloca a bola onde quer. Uma verdadeira covardia", define outro Gilmar, o dos Santos Neves, ex-goleiro de Corinthians, Santos e Seleção Brasileira. Em uma época de campeonatos em turno e returno e pontos corridos, Gilmar ganhou todos os títulos possíveis a um jogador de futebol, do Campeonato Paulista à Copa do Mundo, sem nunca precisar decidi-los nos pênaltis. Durante as campanhas, porém, criou a fama de goleiro brasileiro que mais os defendia. "Procurava estudar a maneira como os principais cobradores da época chutavam. Geralmente cada time tinha seu cobrador oficial", explica. "Assim, pelo menos, ficava mais fácil."

Momento único no futebol, a ponto de ser escolhido por Pelé como a melhor forma de imortalizar seu milésimo gol, vencendo o argentino Andrada em um jogo contra o Vasco, no Maracanã, a cobrança de um pênalti é uma emoção diferenciada. Polêmica desde o momento da marcação da falta até a hora de sua conclusão (teria o goleiro se mexido? O cobrador chutou mesmo da melhor maneira? Se o pênalti não tivesse sido marcado o resultado seria outro?), ela só pode ser definida por quem passou pela experiência. "Acostumei com isso", diz Gilmar dos Santos Neves. "Minha carreira teve 22 anos de solidão."

KIICHI YAZAKI

De nada adiantaram as reclamações argentinas na final da Copa de 1990

Bola no fundo do gol, e Alemanha campeã do mundo

KIICHI YAZAKI

Brehme bate o pênalti sofrido por Völler a seis minutos do fim...

ALL SPORT

...e vence Goycochea, até então um mestre nas cobranças

O MUNDO A ONZE JARDAS

Essa era a distância que separava a Alemanha do tri. Até que, graças ao lateral Brehme, pela primeira vez a Copa foi decidida com um pênalti. Goycochea ainda acertou o canto, como se acostumou a fazer durante o torneio. Mas foram os alemães que ganharam o mundo

GAMMA SPORT

CAIU COMO UMA LUVA

Foi o tempo em que goleiro vestido de amarelo era chamado de Wanderléa. Hoje, as empresas de material esportivo transformam cada campeonato numa passarela, onde as camisas 1 seguem as tendências da moda e os acessórios se aperfeiçoam em tecnologia

MAIS CORES QUE LISTRAS
As três listras persistem, mas perdem em número para as cores da nova camisa preta, verde, azul e lilás da Adidas. A novidade é a bermuda acolchoada e bem colada ao corpo. Os meiões e as chuteiras mantêm o estilo clássico da marca

DISCRETO E BONITO
Entre as marcas nacionais, uma boa opção é a Penalty, que tem modelos criativos como esta camisa verde com grafismos em preto. A bermuda acolchoada, também em preto, os meiões brancos e a chuteira terminam compondo o uniforme

REALMENTE TRADICIONAL
Sem perder a realeza, a Rainha prefere uma camisa com a tradicional combinação amarelo e azul. A proteção acolchoada dos ombros e braços segue na bermuda azul, da mesma cor do meião. A chuteira tem detalhes em verde

PARA QUEM QUER DEFENDER TUDO

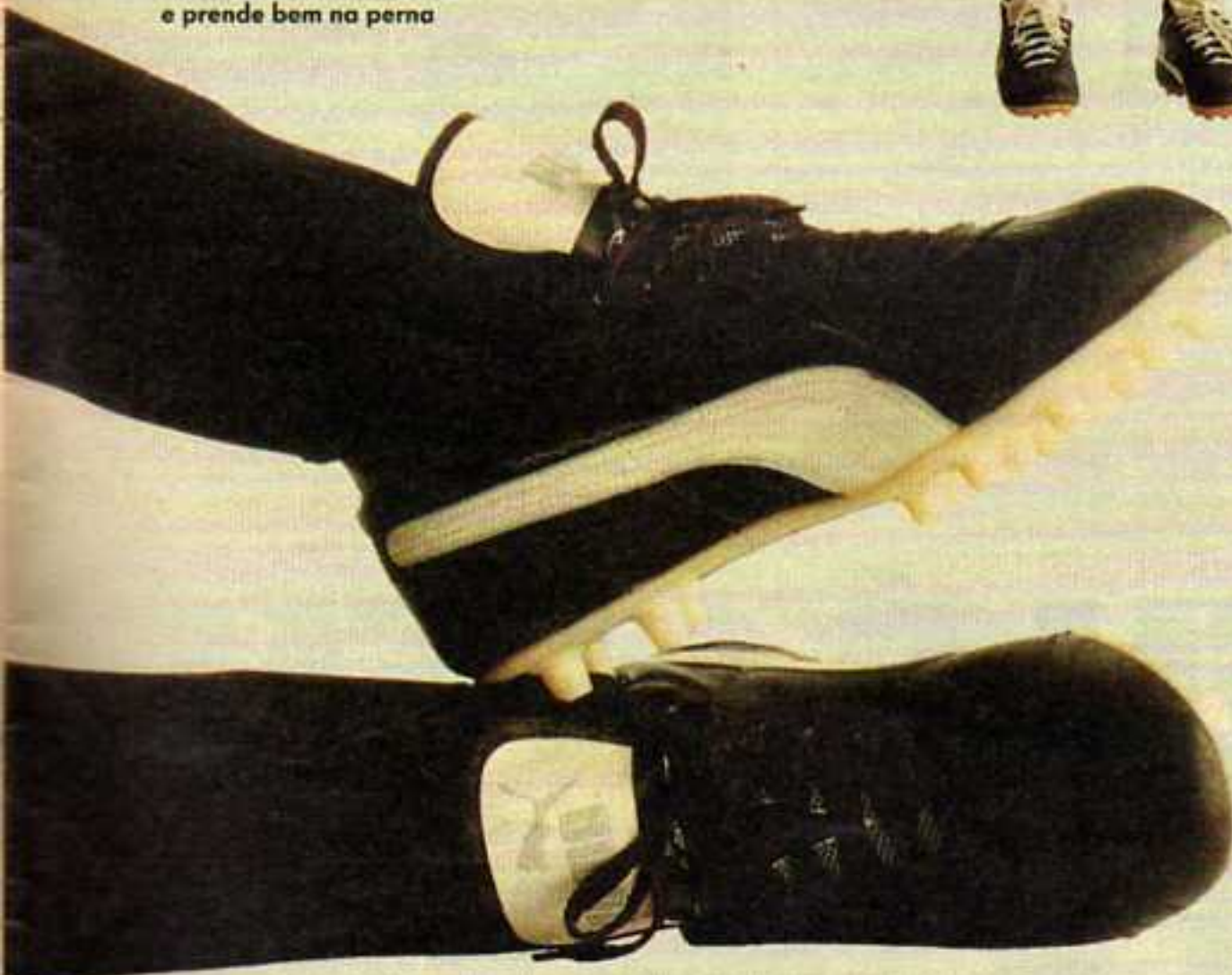
A luva "chiclete" *(ao lado)* é a grande atração da marca alemã Uhlsport. Embaixo do plástico adesivo há uma cola que ajuda o goleiro a firmar as defesas. A camisa, em preto e rosa, tem listras multicoloridas que combinam com a padronagem do calção. As mangas possuem proteção nos cotovelos

Produção: *Mari Saldanha*
Fotos: *Antonio Rodrigues*
Modelo: *Marcos Bonequini*

BORRACHA QUE SEGURA
Esta camisa supercolorida da Uhlsport, importada da Alemanha, tem como destaque a faixa amarela no peito e nos antebraços. Emborrachadas, elas permitem o melhor encaixe das bolas e dão maior firmeza ao goleiro. É pegar ou pegar!

IDEAL PARA TREINAR
Para os treinamentos ou dias frios, nada melhor do que a calça acolchoada da Uhlsport, que combina muito bem com a camisa laranja, com grafismos em preto, da mesma marca. As chuteiras são de outra fábrica alemã: a Puma

EVITANDO AS CANELADAS
Goleiros arrojados entram em bolas divididas com mais segurança se estiverem usando caneleiras, como esta da Uhlsport, que não é inteira (dá mobilidade) e prende bem na perna

PEQUENOS GOLEIROS
Para os garotos que também querem começar com um material de boa qualidade, o uniforme completo, importado, da Reusch, é a melhor opção. A camisa, bem colorida, tem proteção na altura dos cotovelos; a bermuda preta é larga e facilita os movimentos, enquanto a luva é bastante resistente. A chuteira é Puma e a bola, Rainha

Guia de compras

SÃO PAULO
Adidas e Penalty:
Casa do Esportista, tel. 542-0356
Rainha:
Eldorado Plaza, tel. 815-7066
Uhlsport:
Center Sport, tel. 212-9035
Reusch:
Sports Way, tel. 263-5069

RIO DE JANEIRO
Adidas e Penalty:
Boutique do Flamengo, tel. 274-2122; Formosinho Esporte, tel. 325-6631; e Lojas Adidas, tel. 237-7793
Uhlsport *(só luva): Boutique do Flamengo, tel. 274-2122*
Reusch *(luvas e camisas): Boutique do Flamengo, tel. 274-2122*

COMPLETE S

Receba os futebol em

PLACAR

Em sua nova fase, cada edição de PLACAR é voltada totalmente para um único tema, sempre mostrando as grandes emoções do futebol. Você encontra fotos inesquecíveis, curiosidades e muita informação, marcas registradas e razão dos 21 anos de sucesso de PLACAR.

N.º 1057

Quantidade disponível: 9.593

N.º 1058

Quantidade disponível: 4.008

N.º 1059

Quantidade disponível: 9.825

N.º 1060

Quantidade disponível: 2.100

N.º 1061

Quantidade disponível: 4.021

PRÓXIMA EDIÇÃO

"QUEM É QUEM NO FUTEBOL"

Biografia dos maiores jogadores mundiais de todos os tempos.

UA COLEÇÃO

deuses do
sua casa.

GRANDES ÍDOLOS

Uma supercoleção com os maiores ídolos do futebol brasileiro, os grandes craques que mais se destacaram no último campeonato nacional. Monte a sua.

RICARDO ROCHA - N.º 1

Quantidade disponível: 5.000

NETO - N.º 2

Quantidade disponível: 5.000

JÚNIOR - N.º 3

Quantidade disponível: 5.000

BEBETO - N.º 4

Quantidade disponível: 5.000

PAULINHO - N.º 5

Quantidade disponível: 5.000

Preencha este cupom e faça um cheque nominal à DINAP - DISTRIBUIDORA NACIONAL DE PUBLICAÇÕES, no valor total da sua compra. Coloque tudo num envelope e depois mande pelo Correio para: DINAP S/A - Estrada Velha de Osasco, 132 Jardim Teresa - CEP 06040 Osasco - SP

Quero completar minha coleção.
Faça um x no número das edições que lhe faltam.

	PLACAR	Cr$	GRANDES ÍDOLOS	Cr$
1057	Todas as taças do mundo	1.200,00	1 Ricardo Rocha	1.100,00
1058	Os maiores clubes do planeta	1.200,00	2 Neto	1.100,00
1059	Os artilheiros	1.200,00	3 Júnior	1.100,00
1060	Os grandes clássicos do Brasil	1.200,00	4 Bebeto	1.100,00
1061	Guia dos campeonatos estaduais	1.200,00	5 Paulinho	1.100,00

Nome: ____________________

Endereço: ____________________

Bairro: __________ CEP __________ Tel.: __________

Cidade: __________ Estado: __________

Mande este cupom ainda hoje. Quanto mais rápido você fizer seu pedido, mais cedo você vai viver as emoções desta coleção incrível!

DEFESAS SEM FRONTEIRAS

Com um carisma incomparável, os goleiros estrangeiros se tornaram ídolos de torcidas extremamente exigentes e deixaram um leve sotaque nas traves por que passaram

Aparentemente eles são iguais aos demais. Têm todas as virtudes de um grande goleiro e sofrem as cobranças naturais por atuarem em clubes de tradição. A favor, porém, têm um indescritível carisma que os torna ídolos de torcidas acostumadas a gênios com a bola nos pés, apesar de jogarem com as mãos e nem sequer falarem português.

Que o diga o argentino Cejas, adorado por todos os santistas em uma época em que podiam aplaudir Pelé. Sua presença foi tão marcante que 15 anos depois o Santos voltaria a investir em um estrangeiro: Rodolfo Rodriguez. No Rio de Janeiro eles também fizeram história. No Vasco e no Flamengo brilharam os argentinos Andrada e Fillol. Ambos com um sucesso capaz de apagar a passagem do chileno Rojas, que só teve um mérito enquanto esteve no São Paulo: ajudar a deixar as traves brasileiras com um charmoso sotaque espanhol.

ZEKA ARAUJO

JOGANDO EM NOME DA HONRA
Não tomar gols era uma questão de honra. Não importava sequer que do outro lado estivesse Pelé. Por isso quem o conhecia não se surpreendeu com sua reação indignada ao tomar — de pênalti — o milésimo gol do Rei. Felizes foram os vascaínos, que sabiam que Andrada fazia da tarefa de defender as traves de seu time uma questão de honra e que o amor à camisa do Vasco era quase tão grande quanto pela bandeira argentina

MALABARISMOS EMBAIXO DAS TRAVES
Durante quatro anos os torcedores do Santos tinham uma certeza: o ataque podia não funcionar, mas seu goleiro dava a garantia de boas campanhas. Nesse período — 1984 a 1988 — Rodolfo Rodriguez deu segurança à zaga e inibiu os atacantes com uma colocação perfeita e defesas que exigiam malabarismos, como a que fez contra o América em 1984, marcada para sempre como uma das mais impressionantes da história

SERGIO BEREZOVSKY

RICARDO CHAVES

SEGURANÇA CAMPEÃ DO MUNDO
Em qual outro lugar um goleiro campeão do mundo poderia sentir-se melhor do que em um time campeão do mundo? Por isso, após acompanhar as defesas de Fillol — vencedor do mundial pela Argentina em 1978 —, o Flamengo resolveu levá-lo para a Gávea em 1984, quando já havia conquistado o mundial interclubes. Mesmo sem ganhar títulos no curto período em que esteve no Flamengo, a torcida tinha sempre confiança que nos momentos decisivos seu time dificilmente tomaria gols.

ABRIL

UM ÍDOLO FEITO DE TALENTO
Ser o ídolo de uma torcida acostumada a ver os maiores gênios da história do futebol não é fácil. Principalmente se em vez dos pés o instrumento de trabalho forem as mãos e se tiver o agravante de ser argentino jogando no Brasil. Agostin Mario Cejas, porém, tinha um remédio para tudo isso: talento. Por isso, no período em que jogou no Santos, ele se tornou adorado por toda a torcida. O auge de sua carreira aconteceu em 1973, quando ajudou a dar o título paulista ao Santos impedindo três gols da Portuguesa na disputa por pênaltis

A FAMA PELO CAMINHO ERRADO

O São Paulo estava cansado de esbarrar nas suas mãos. O Colo-Colo havia eliminado o tricolor da Libertadores graças a Rojas, e o time brasileiro decidiu contratá-lo. No Brasil, porém, ele passou dois anos sem se firmar. A fama só voltou após simular ser atingido por um rojão nas Eliminatórias. Em vez de ídolo, ele se tornava o vilão do país

RICARDO CORRÊA

ARI GOMES

Mario Kempes, craque da Argentina campeã mundial em 1978

A imagem do matador Kempes

Por favor, publiquem uma foto do jogador argentino Mario Kempes, artilheiro da Copa do Mundo de 1978.

Éber Latella
Belo Horizonte, MG

Por que não o Anderlecht?

Por que o Anderlecht não foi incluído na edição Os Maiores Clubes do Planeta?

Sevenhant Roland
Sint-Andries-Bélgica

Caro Sevenhant, não havia espaço para todos os grandes clubes do mundo. Por isso selecionamos os mais expressivos, segundo tradição, patrimônio, torcida e títulos.

Dois bons times da Copa do México

Gostaria que publicassem a escalação da França na partida contra o Brasil e da Dinamarca no jogo com a Espanha pela Copa do Mundo de 1986.

João A. Ribeiro Neto
São Caetano do Sul, SP

França: Bats, Amoros, Battiston, Bossis e Tusseau; Fernandez, Tigana, Giresse (Ferreri) e Platini; Stopyra e Rocheteau (Bellone). Técnico: Henri Michel. Dinamarca: Hogh, Busk, Nielsen, Morter Olsen e Andersen (Eriksen); Lerby, Bergreen, Bertelsen e Jesper Olsen (Molby); Elkjaer e Laudrup. Técnico: Sepp Piontek.

Pernambuco também tem clássico

Acho que PLACAR tem bronca do futebol pernambucano. Não entendo o motivo de a edição Os Grandes Clássicos do Brasil não incluir os jogos entre Sport x Santa Cruz, Sport x Náutico e Náutico x Santa Cruz.

Francisco Assis de Holanda
Belo Horizonte, MG

Francisco, não desprezamos o futebol pernambucano, mas seria impossível fazer uma edição com todos os clássicos do país. Todos mereciam entrar. Nosso critério foi escolher duelos entre clubes bem colocados no ranking de PLACAR.

Endereços de clubes italianos

Por favor, publiquem o endereço do Milan.

Telmo Raniere F. Machado
Arroio Grande, RS

Gostaria de ver publicados os endereços da Roma e da Sampdoria.

Sidney Rodrigues da Silva
São Benedito, CE

Milan - Via Turati, 3 - 20121, Milano - tel. 02/655-9016
Roma - Via di Trigoria, km 3600 - 00128, Roma, tel. 06/57-5151
Sampdoria - Via XX Settembre, 33/3 - 16121, Gênova - tel. 010/59-3727

Escudinhos das equipes de Campinas

Gostaria que PLACAR voltasse a publicar os escudinhos para futebol de botão, principalmente os do Guarani e da Ponte Preta.

Rodrigo Formigheri
Passo Fundo, RS

Dentro de pouco tempo PLACAR voltará a publicar os escudinhos, Rodrigo. Por enquanto, fique com um escudo de cada clube que você pediu.

Guarani

Ponte Preta

Correção

Diferente do que está escrito na edição Os Grandes Clássicos do Brasil, o jogo Santos 7, Corinthians 4, disputado em 1964, não chegou a ficar empatado em 4 a 4. O Corinthians fez 1 a 0, 2 a 1 e, a partir daí, o Santos comandou o marcador, chegando a fazer 7 a 3.

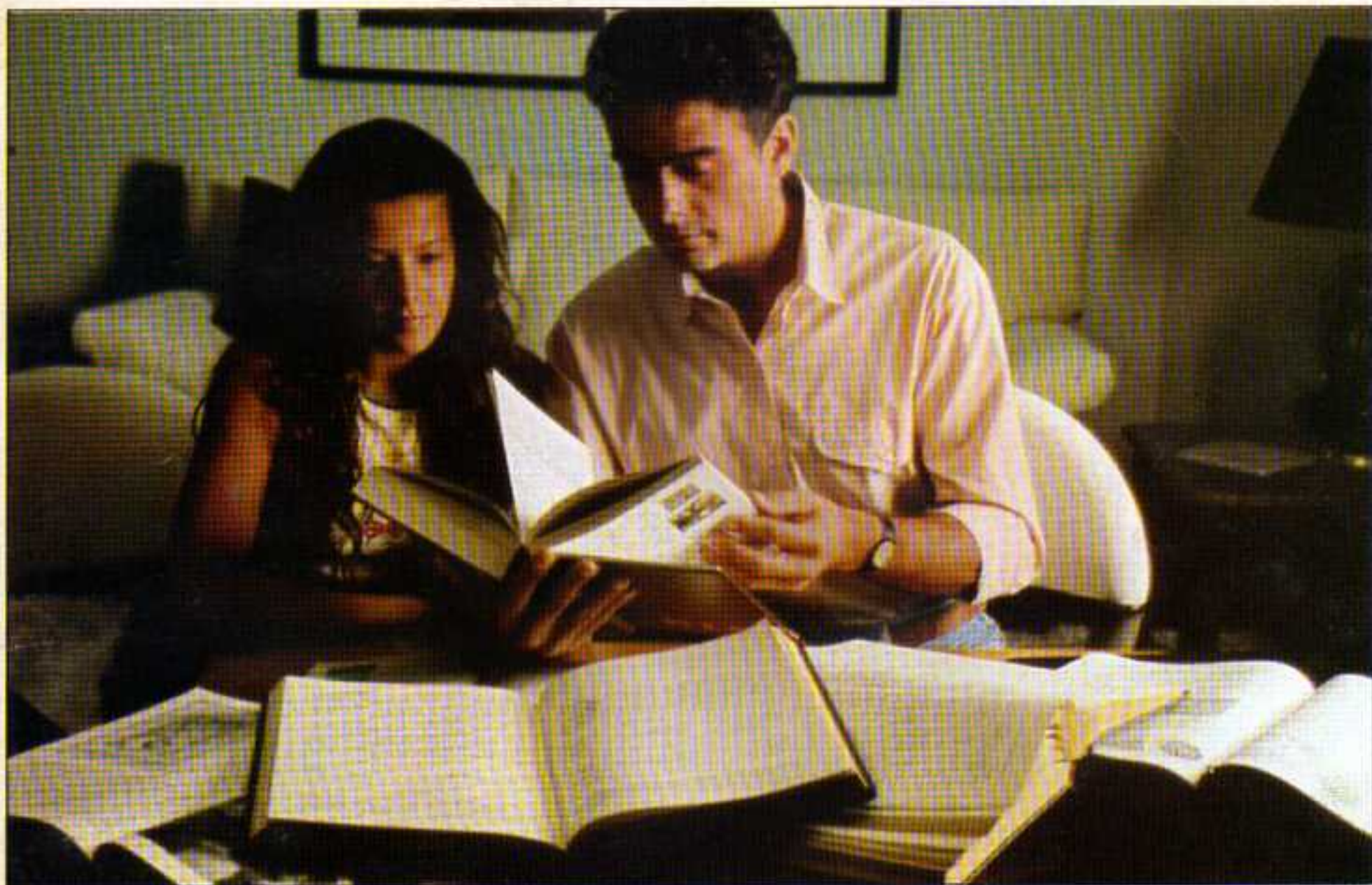
PLACAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

SÃO PAULO
Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04573, Caixa Postal 2372, tel.: (011) 534-5344, Telex (011) 57357, 57359 e 57382, FAX: (011) 534-5638, Telegramas: Editabril Abrilpress. **Administração:** r. Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515, tel.: (011) 856-4511.
ESCRITÓRIOS
BRASIL
Belo Horizonte: av. Marília de Dirceu, 226, 6.º e 7.º andares, Bairro de Lourdes, CEP 30170, tel.: (031) 275-2388, Telex (031) 1085, FAX: (031) 337-2166
Blumenau: av. Martin Luther, 111, Edifício Master Center Empresarial, sala 709, CEP 89010, tel.: (0473) 22-4377
Brasília: SCN - Quadra CN1, Lote C, Edifício Brasília Trade Center, 14.º e 15.º andares, CEP 70710, tel.: (061) 321-8850, Telex (061) 1464 e 1136, FAX: (061) 226-7582, Telegramas Abrilpress
Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, conj. 131-133, Centro, CEP 13013, tel.: (0192) 33-7100, Telex (0192) 3311, FAX: (0192) 22-3281
Campo Grande: r. Ametista, 85, Coopharádio, CEP 79050, Caixa Postal 57, tel.: (067) 387-3685
Cuiabá: r. 86, Quadra 16, Casa 28, CPA 3, Setor 1, CEP 78000, Caixa Postal 445, tel.: (065) 341-7674
Curitiba: av. Cândido de Abreu, 651, 7.º, 8.º e 12.º andares, Bairro Centro Cívico, CEP 80530, tel.: PABX (041) 252-6996, Telex (041) 30123, FAX: (041) 254-3455, tel.: (atendimento ao assinante) (041) 252-5666
Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, conj. 101, Centro, CEP 88015, tel.: (0482) 22-7826, Telex (0481) 1004, FAX: (0482) 23-5873
Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418-420-422, Aldeota, CEP 60150, tel.: (085) 261-7555, Telex (085) 1607
Goiânia: r. 1127, n.º 220, Setor Marista, CEP 74310, tel.: (062) 241-3756
João Pessoa: av. Epitácio Pessoa, 201, sala 206, Centro, João Pessoa - PB, tel.: (083) 221-9328
Novo Hamburgo: av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sala 704, CEP 93510, tel.: (0512) 93-9801
Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90060, tel.: (0512) 29-4177/5899, Telex (051) 1092, Telegramas: Abrilpress, FAX: (0512) 29-4857
Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, conj. 901 a 904, Bairro São José, CEP 50020, tel.: (081) 424-3333, Telex (081) 1184, FAX: (081) 424-3896
Ribeirão Preto: av. Presidente Vargas, 1033, Alto da Boa Vista, CEP 14020, tels.: (016) 623-4282-4291, Telex (016) 4457, FAX: (016) 623-2769
Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andar, Botafogo, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Editabril Abrilpress
Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Edifício Omega, 3.º e 5.º andares, salas 303 e 502, Bairro Pituba, tel.: (071) 371-4899, Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583
São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, CEP 12245, tel.: (0123) 21-1126
Vitória: r. Alberto Oliveira Santos, 42, 10.º andar, sala 1011, CEP 29010, tel.: (027) 222-3185, FAX: (027) 222-6219
EXTERIOR
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, NBR 3403, New York, N.Y. 10165-3403, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE
Economia e Negócios
EXAME
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
Esportes
PLACAR
Masculinas
PLAYBOY
Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA
MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHO • MÁXIMA
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
PUBLICAÇÕES DA EDITORA AZUL
BIZZ • BOA FORMA • BODYBOARD • CARÍCIA
CONTIGO • FLUIR • HORÓSCOPO • INTERVIEW
SAÚDE • SET • SEMANÁRIO • SKATIN
PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL JOVEM
PATO DONALD • MICKEY • ZÉ CARIOCA
TIO PATINHAS • MARGARIDA • URTIGÃO
DISNEYLÂNDIA • ALMANAQUE DISNEY
SELEÇÃO DISNEY • EDIÇÃO EXTRA
DISNEY ESPECIAL • ALEGRIA ESPECIAL
BRINQUE COMIGO • MINI CRUZADAS
LIGA DA JUSTIÇA • GRAPHIC MARVEL
SUPER HOMEM • SUPERAVENTURAS MARVEL
HOMEM ARANHA • HULK • OS CAÇADORES
SPIRIT • GROO • CONAN REI • STORM
CONFLITO DO VIETNÃ • GRAPHIC NOVEL
CONAN • MENINO MALUQUINHO
TOM E JERRY • BOLINHA • LULUZINHA
OS TRAPALHÕES • ALMANAQUE DO GUGU
PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA
NOVA ESCOLA • SALA DE AULA

AS OUTRAS FONTES DE PESQUISA ESTÃO NO MÍNIMO UM ANO ATRÁS DO ALMANAQUE ABRIL 91.

Jarbas

Se você procura uma informação atualizada, só existe uma fonte de pesquisa em que você pode confiar: Almanaque Abril 91.

É a única enciclopédia com 768 páginas e mais de 1 milhão de informações.

Só ela traz a data na capa.

Nesta edição, por exemplo, você pode saber de fatos marcantes do Brasil e do mundo, de setembro de 1989 a dezembro de 1990.

O Almanaque Abril 91 traz novos mapas dos 169 países (inclusive já com a Alemanha unificada e o novo Estado de Tocantins).

Ou você tem o Almanaque Abril 91, ou vai usar informações com no mínimo um ano de atraso.

Já nas bancas.